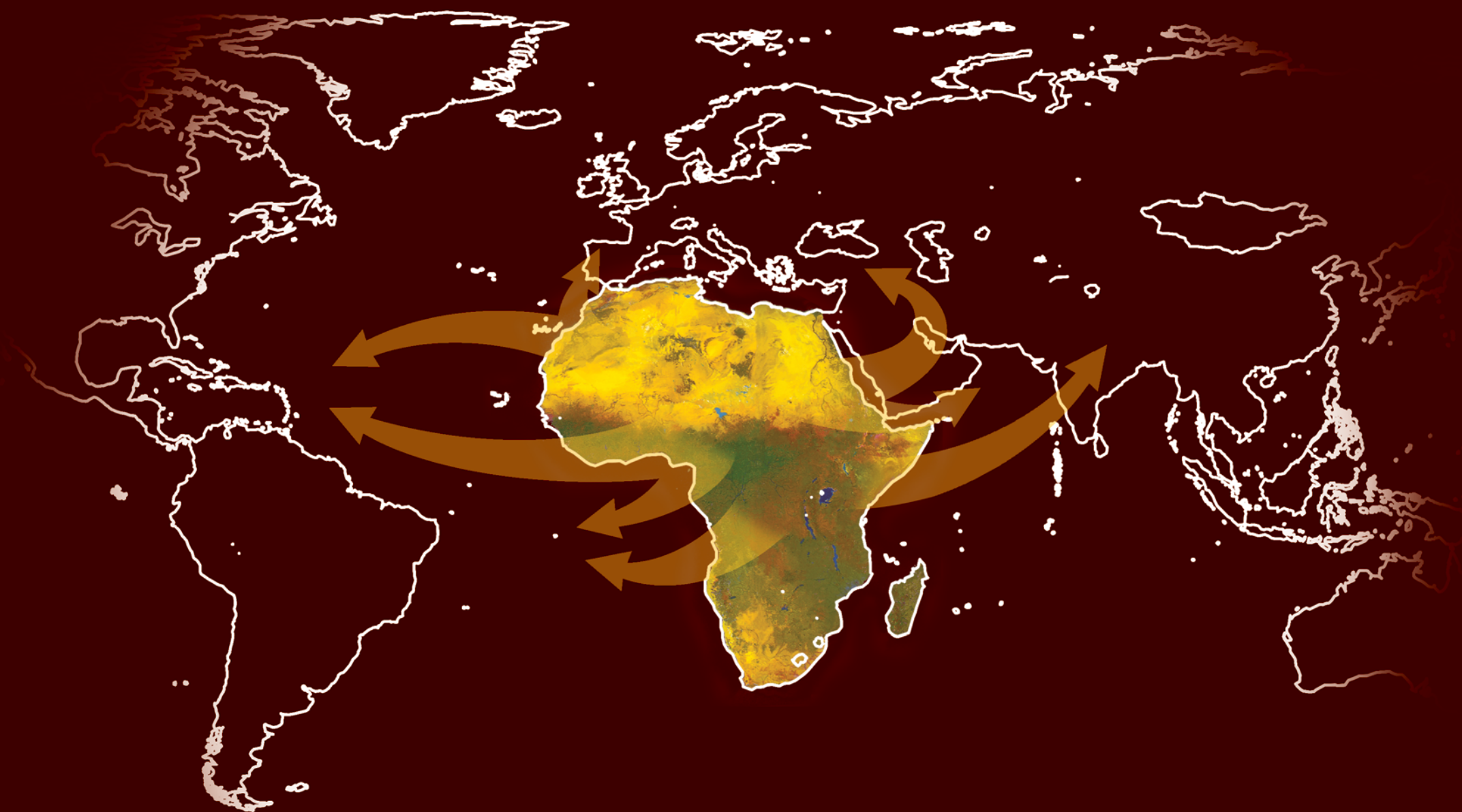


O TEMPO DOS POVOS AFRICANOS



Elisa Larkin Nascimento

IPEAFRO - SECAD/MEC - UNESCO

O TEMPO DOS POVOS AFRICANOS

Elisa Larkin Nascimento
concepção e textos

O TEMPO DOS POVOS AFRICANOS

**SUPLEMENTO DIDÁTICO
DA LINHA DO TEMPO
DOS POVOS AFRICANOS**

IPEAFRO - SECAD/MEC - UNESCO

Presidência da república
Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação
Ministro Fernando Haddad

*Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – SECAD*

concepção e elaboração
Elisa Larkin Nascimento Ph.D., IPEAFRO –
Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros

design gráfico
Maria de Oliveira e Bernardo Lac

realização
Ministério da Educação – MEC / Secretaria de
Educação Continuada, Alfabetização e Diversida-
de – SECAD, 2007

*Dedico este Suplemento à memória do sociólogo Guerreiro Ramos,
ao Teatro Experimental do Negro e ao professor Abdias Nascimento.
O pioneirismo deles ao valorizar a cultura negra e a história africa-
na constitui um legado a que o Ipeafro busca dar continuidade.*

Apresentação	8
O Tempo dos Povos Africanos	10
Nossa Suplemento Didático	12
Evolução e Primórdios.	14
Desenvolvimento Inicial	16
Temas Gerais.	18
Quem criou a Civilização?	20
Primeiras Conquistas.	22
A África no Mundo	24
Coerência e Continuidade	26
Soberania e Inovação.	28
Novos Contornos.	30
Rainhas Mães Guerreiras	32
A Revolução do Ferro	34
A África e sua Diáspora.	36
Os Sábios dos Estados Africanos	38
Construção da Liberdade	40
Filosofia e História no Simbolismo do Sankofa	42
Índice Remissivo de Imagens	46
Fontes de Pesquisa	48

APRESENTAÇÃO

Autor da clássica interpretação racional da História, o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel excluiu a África negra da totalidade histórica universal. Apenas duas partes da África, o Egito e a África Mediterrânea, entram na história da humanidade na concepção de Hegel e de seus seguidores. Para eles, faltam à África negra a objetividade, o ideal de Estado, o conceito de Deus, do Eterno, do Justo.

As teorias racialistas negaram a contribuição da África ao desenvolvimento humano. Qualquer vestígio de arte, de tecnologia ou de civilização encontrado no continente africano seria atribuído a uma intervenção externa européia ou asiática. Até hoje se especula que a Esfinge do Egito seria uma pedra gigantesca modelada pela força dos ventos e não uma obra humana com rosto negróide ou até que a construção da cidade murada de Monomotapa seria obra de extraterrestres!

Pesquisas científicas recentes identificam na África o berço da humanidade e demonstram que a África está no início e no centro da história universal do mundo.

Ao recolocar o Ser negro no início e no centro da história da humanidade, essas pesquisas científicas fazem à África uma grande justiça, devolvendo-lhe sua contribuição ao mundo que ajudou a povoar e a construir e da qual foi rechaçada por razões ideológicas.

Assim passamos a constatar que os africanos negros iniciaram e desenvolveram as invenções científicas e tecnológicas como agricultura, matemática, medicina, embarcações marítimas e tecnologia naval, metalurgia de bronze e de ferro, domesticação das plantas e dos animais, e outras que explicam sua capacidade de migrar para povoar e levar cultura a outros continentes (Ásia, Europa, América, Oceania).

Nos relatos dos viajantes árabes e europeus estão presentes testemunhos oculares dos impérios, reinos e estados centralizados, das artes e tecnologias em todas as regiões africanas. No entanto, depois da Conferência de Berlim (1884-1885) quando as potências coloniais européias dividiram o continente entre si para subjugar-lo e explorá-lo, todas essas realidades desvaneceram como fumaça. As belezas naturais deixaram o lugar para as selvas perigosas e ameaçadoras; os impérios e reinos foram substituídos pelas tribos e hordas primitivas em guerras permanentes umas contra outras; as religiões foram substituídas pela feitiçaria, idolatria e superstições ridículas com o objetivo de justificar e legitimar a Missão Civilizadora do Ocidente civilizado e do Homem branco.

A historiografia colonial ensinada aos africanos é uma história falsificada, mutilada e reduzida a um espaço-tempo insignificante em relação à verdadeira dimensão espacial e temporal da história da África, dos africanos e de seus descendentes da diáspora. Esse espaço-tempo de uma história mutilada se inicia apenas a partir dos mais recentes contatos da África e dos africanos com o mundo externo: o tráfico árabe, os chamados descobrimentos e o tráfico transatlântico seguidos pelos sistemas escravistas e colonialistas.

Também os países da diáspora negaram, mutilaram e falsificaram a história dos africanos e de seus descendentes, fazendo-os aparecer geralmente como objetos e raramente como sujeitos da ação humana no tempo. Omitiram a participação dos negros na construção das economias, culturas, identidades e transformações políticas desses países. Atribuíram a luta pela abolição da escravatura aos humanistas brancos e não aos protagonistas negros.

Toda essa história de construção de vida e de resistência à dominação, que resultou nas duradouras religiões, filosofias de vida e visões do mundo africanas, apenas agora começa a ser reconhecida oficialmente no Brasil pela promulgação da lei 10.639/03.

A linha do tempo que ora introduzimos, nesta apresentação, é o resultado de um longo, intenso e complexo trabalho de pesquisa multidisciplinar realizada nos últimos anos pela talentosa pesquisadora e professora **Elisa Larkin Nascimento**, com o nobre objetivo de reconstruir o espaço-tempo, a dimensão espacial e temporal, da história da África negra e de sua diáspora no mundo todo. A finalidade é devolver aos nossos filhos e netos e a todas as pessoas que buscam equidade e justiça social, a autenticidade de “nossa” história, a história da humanidade. E precisamos muito dela para reabilitar nossa personalidade individual e coletiva como brasileiros e como descendentes de africanos, levantando nossa auto-estima esmagada pelas mentiras acumuladas na noite do tempo.

A professora Elisa Larkin Nascimento realizou o que eu chamaria um trabalho de formiga e reconstruiu as peças do quebra cabeça da história autêntica da África, dos africanos e seus descendentes em todos os continentes, numa linha do tempo que começa no próprio berço e vai até o século XXI, com ramificações em todas as direções onde emigraram os primeiros africanos.

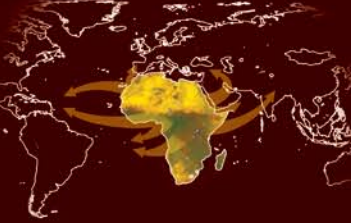
Trata-se de uma notável contribuição, pois o texto do suplemento didático construído em torno da linha do tempo é escrito numa linguagem acessível a todos, educadores e alunos. Creio que nós todos, envolvidos no processo de fazer funcionar a Lei 10.639/03, estamos ganhando um instrumento precioso e de alta qualidade para cumprir os objetivos da Lei e as reivindicações históricas do Movimento Negro. Vamos viajar nessa linha de tempo para descobrir e preencher as lacunas, desfazer uma visão histórica herdada da ótica colonial e reconstruir a imagem da qual precisamos para fazer a justiça histórica da qual nossa dignidade muito precisa.

KABENGELE MUNANGA

Diretor do Centro de Estudos Africanos e professor titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

O TEMPO DOS POVOS AFRICANOS

O TEMPO DOS POVOS AFRICANOS



Durante milênios, os povos soberanos da África tem sido agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo o mundo. Sua influência estendeu-se no mundo antigo à Ásia, à Europa e à América. Viveram apenas uma ínfima parte de seu tempo histórico amarrados aos grilhões da escravidão mercantil europeia e, no tempo do cativo e da colonização, continuaram criando cultura e conhecimento.

Coordenação: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Elaboração: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Revisão: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Diagramação: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Ilustrações: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Fontes: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Copyright: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Contato: Mariana e a equipe do IPEAFRO
Site: Mariana e a equipe do IPEAFRO



PRIMEIROS AVANÇOS RUMO À CIVILIZAÇÃO [ANTES DE 4500 A.C.]

FORMAÇÃO DA CULTURA SUDANESA E PRÉ-DINÁSTICA EGÍPCIA [4500 A.C. – 3200]

Na Linha do Tempo dos Povos Africanos você vai ver e aprender algumas coisas que o conhecimento científico indica sobre a história da África e dos povos africanos.

COMO FUNCIONA A LINHA DO TEMPO

No ano 2000, o Brasil celebrou os 500 anos de sua “descoberta”, idéia que índios e negros organizados contestaram. Os índios habitavam a terra há milênios, e os africanos traziam uma história própria que muito contribuiu para construir o país. A Linha do Tempo dos Povos Africanos vem mostrar um pouco sobre essa história.

A Linha do Tempo está dividida em períodos de quinhentos anos. Assim, vem ilustrar quanto tempo os negros africanos viveram e se desenvolveram em soberania e liberdade antes de serem trazidos escravizados às Américas para construir as nossas nações modernas, inclusive o Brasil, no último período de 500 anos.

Veja como esse último período, de cativo e resistência, é pequeno comparado ao tempo da liberdade e da soberania africanas!

As linhas amarelas abaixo das imagens marcam os períodos de alguns dos mais importantes fenômenos da história africana. As datas são referências aproximadas. E.C. significa Era Cristã, a.C. significa Antes da Era Cristã.

CIVILIZAÇÃO

1500 A prática de uma medicina avançada na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1500** A restauração do poder de Níbia, reino negro do sul, norte e centro da África, regida em algumas ocasiões por uma rainha. **1500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

1000 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

500 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

0 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **0** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **0** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

500 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

1000 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

1500 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **1500** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

2000 A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **2000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias. **2000** A invenção do papiro na Egípcio antiga, com o desenvolvimento de tratamentos de doenças e cirurgias.

Civilização Clássica Africana

Civilização pós-clássica africana. Estados e Impérios de Monomapa, Zimbábue, Gana, Kanem Bornu, Mali, Songai, Quiloa, Sofola, Mombaça, Pamba, Oyó, Daomá, Asante, Futa Djaliou, Baoulé, Fulani e outros

Presença e influência na Ásia, Europa e Américas antigas a partir da civilização clássica africana

PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO CLÁSSICA AFRICANA [3200 A.C. – 64 A.C.]

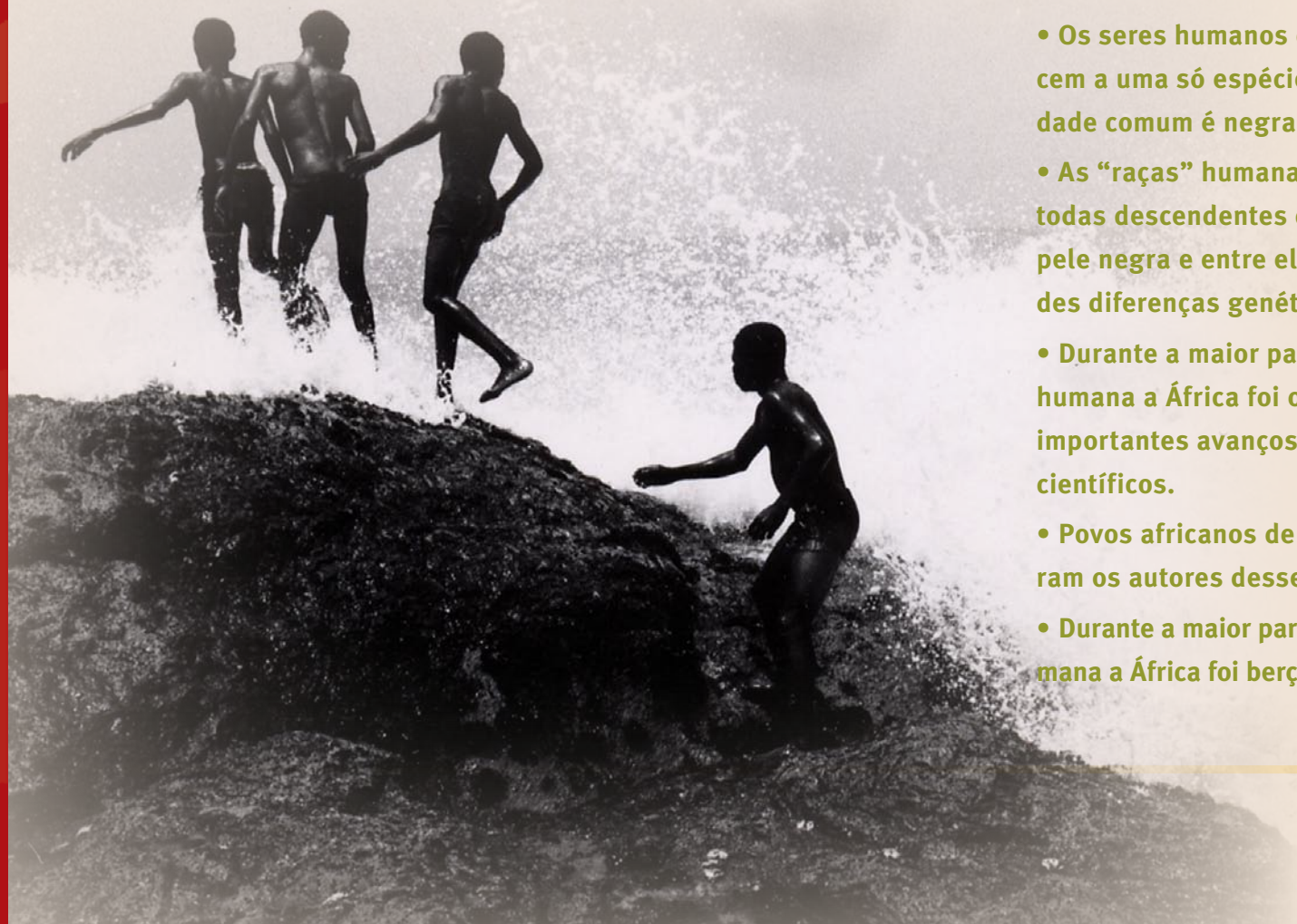
CIVILIZAÇÃO PÓS-CLÁSSICA AFRICANA [100 A.C. – 1500 E.C.]

PRESENÇA E INFLUÊNCIA NA ÁSIA, EUROPA E AMÉRICAS ANTIGAS A PARTIR DA CIVILIZAÇÃO CLÁSSICA AFRICANA [2500 A.C. – 1500 E.C.]

DOMÍNIO MOURO NA EUROPA [710 E.C. – 1400 E.C.]

CATIVEIRO E CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE NAS AMÉRICAS [1500 E.C. – 2000 E.C.]

Aqui você vai encontrar fatos comprovados por pesquisas científicas que explicam com mais detalhes as coisas que você viu e aprendeu na Linha do Tempo.



COMO VAMOS TRABALHAR

Dividimos a cartilha nos mesmos períodos de 500 anos, mostrando as imagens que você viu na Linha do Tempo para cada período e oferecendo outras informações a seu respeito. Buscamos dar um contexto geral às imagens e informações da Linha do Tempo, para ajudar o professor e o aluno a compreender melhor o sentido do conjunto.

Você vai ver e estudar imagens e textos que demonstram o seguinte:

- **A África foi o berço da humanidade.**
- **A maior parte da história humana se desenvolveu nesse Continente.**
- **Os primeiros seres humanos foram africanos de pele negra que se espalharam por outras partes do mundo, em várias ondas migratórias.**
- **Os seres humanos de hoje pertencem a uma só espécie cuja ancestralidade comum é negra e africana.**
- **As “raças” humanas de hoje são todas descendentes de africanos de pele negra e entre elas não há grandes diferenças genéticas.**
- **Durante a maior parte da história humana a África foi o berço dos mais importantes avanços tecnológicos e científicos.**
- **Povos africanos de pele negra foram os autores desses avanços.**
- **Durante a maior parte da história humana a África foi berço da civilização.**

• **Os próprios africanos de pele negra são os responsáveis pelas culturas, civilizações, estados políticos organizados, e tecnologias desenvolvidas ao longo dos milênios em todo o Continente africano.**

• **Durante a Antigüidade, povos de pele negra marcaram sua presença em todo o mundo e levaram sua influência cultural à Ásia, à Europa, e às Américas.**

• **Durante os últimos 500 anos, os negros africanos resistiram à colonização e à escravização ao passo que continuaram construindo cultura e conhecimento.**

Vamos começar com uma observação importante:

Não temos espaço para tratar de todos os acontecimentos de cada período de 500 anos. Vamos dar ênfase, em cada período, a algumas dimensões básicas e grupos de fatos históricos que marcam de forma geral a trajetória dos povos africanos. Isso significa que nem sempre as informações no texto correspondem exatamente ao período. Vamos falar de fatos e fenômenos que ocorrem em diversas épocas, além dos eventos daquele período específico.

As dimensões básicas incluem

- **O saber e o conhecimento construídos pelos africanos de pele negra.**
- **O desenvolvimento e a tecnologia**

entre os povos africanos de pele negra.

• **O caráter matrilinear da maioria das culturas negro-africanas.**

Os grupos de fatos históricos incluem

• **O povoamento do mundo por povos de pele negra oriundos da África.**

• **A civilização clássica africana.**

• **A civilização pós-clássica e estados políticos africanos.**

• **A presença e influência dos povos de pele negra e sua cultura na Europa, na Ásia e nas Américas antigas.**

• **Cativeiro e construção da liberdade.**

PARA COMEÇAR

De início, vamos considerar algo importante que acontece antes do primeiro período da nossa Linha do Tempo: a evolução da Humanidade.

Quando você pensa nos primeiros seres humanos, é bem provável que você os visualize como brancos. A imagem do homem das cavernas, vestido de pele e armado de um osso de animal, é uma referência para nossa idéia do primeiro ser humano.

Mas será que essa imagem corresponde à realidade?

Para responder e refletir sobre isso, é preciso falar do que significa a idéia das “raças”. Dividir a humanidade

em grupos distintos, chamados de raças, foi uma forma de justificar diferenças sociais, especialmente a escravidão e a colonização de povos não europeus.

Você vai ver que as “raças” não existem do ponto de vista biológico ou genético.

Mesmo assim, as raças existem como um fato real no sentido político e social, com conseqüências profundas na vida das pessoas. Se alguém é discriminado porque faz parte de uma “raça”, então o conceito de raça existe de fato, social e politicamente, como motivo dessa discriminação.

Por isso, não podemos ignorar, subestimar ou negar a existência concreta das raças dizendo que a sua existência biológica não tem fundamento científico. As raças existem como uma dura realidade social, com efeitos políticos, econômicos, psicológicos e culturais na vida das pessoas. Chamamos essa realidade de *raça socialmente construída*.

NOSSO OBJETIVO

Na hierarquia das raças socialmente construídas os africanos, os afrodescendentes e as pessoas de pele negra em geral são considerados inferiores. Durante séculos, a ciência ocidental construiu essa inferioridade, alegando não apenas a condição biológica,

mas sobretudo a suposta incapacidade cultural dos africanos e de todos os negros. Esse é o conceito racial do termo “negro”. Dizia-se que o negro era selvagem e que nada contribuiu à construção da civilização, muito menos à ciência ou à tecnologia.

A construção da imagem do negro africano como primitivo e atrasado, e a negação de sua história e cultura, são tão fundamentais para justificar o

racismo quanto a idéia de sua inferioridade genética e biológica.

O objetivo da Linha do Tempo dos Povos Africanos, além de conhecer uma parte importante da história humana, é ajudar a desfazer o conjunto de idéias sobre a suposta inferioridade do negro africano.

Esses grupos de fatos e eventos correspondem às linhas amarelas abaixo das imagens na Linha do Tempo.

O que significa povos de pele negra?

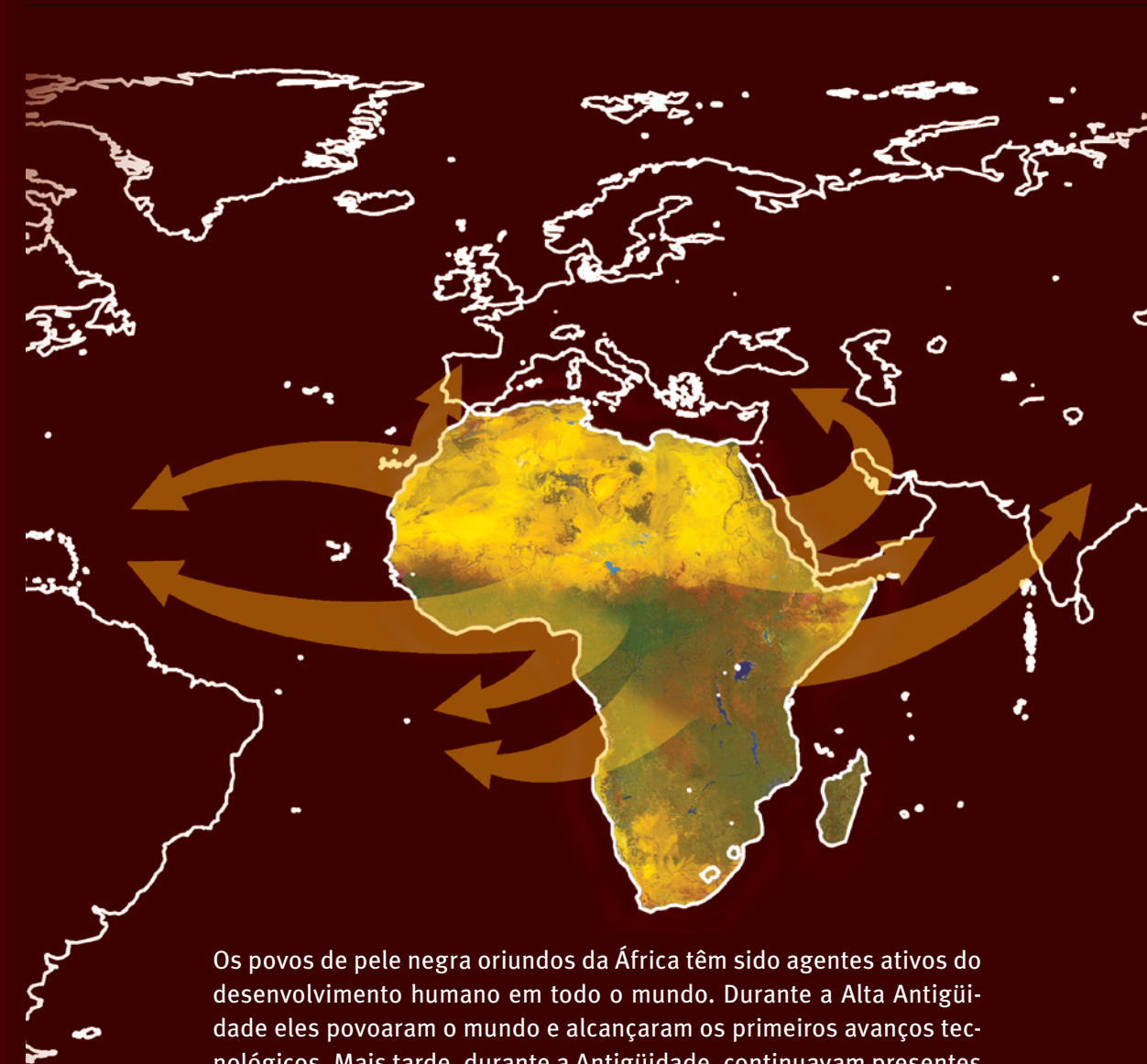
Quando falamos “povos negros” ou “povos africanos”, essa frase tem hoje significado racial e político construído recentemente, sobretudo no tempo de cativo, colonialismo e resistência dos últimos 500 anos. Nas épocas remotas em que os povos africanos povoavam o mundo, esse significado não existia; apenas eles tinham a pele negra. Por isso dizemos “povos de pele negra” e para variar dizemos “africanos” e “negro-africanos” com o mesmo sentido.

O que é Alta Antigüidade?

O período de mais ou menos 3 milhões até aproximadamente 30 mil anos atrás, quando a dispersão dos seres humanos levava, muito lentamente, a mudanças genéticas que transformavam a sua aparência, criando os três tipos físicos que hoje conhecemos – povos parecidos com os africanos e australianos negros, povos parecidos com os asiáticos, e aqueles parecidos com os caucásios brancos.

O que é Antigüidade?

O período de mais ou menos 10 mil anos atrás até a Era Cristã, quando culturas e civilizações se formavam e se consolidavam, passando a interagir entre si em todo o mundo. Mais especificamente, até o início do iluminismo europeu a partir de aproximadamente 1500 E.C., que marca simbolicamente o advento do mundo moderno.



Os povos de pele negra oriundos da África têm sido agentes ativos do desenvolvimento humano em todo o mundo. Durante a Alta Antigüidade eles povoaram o mundo e alcançaram os primeiros avanços tecnológicos. Mais tarde, durante a Antigüidade, continuavam presentes em todo o mundo e também viajaram novamente, levando sua influência da África para a Ásia, a Europa e as Américas. Viveram apenas uma ínfima parte de seu tempo histórico amarrados aos grilhões da escravidão no sistema mercantil europeu e, nas épocas de cativo e colonização, sempre criaram cultura e conhecimento.

A seguir você vai conhecer um pequeno resumo da evolução do ser humano e das primeiras dimensões de conhecimento e tecnologia que conquistou em tempos muito antigos.



ÁFRICA, BERÇO DA HUMANIDADE

O estudo da evolução humana começa com uma espécie particular de grandes macacos, os hominídeos. Durante seis milhões de anos, esses hominídeos evoluíram interagindo com o meio ambiente e formando diferentes espécies. Uma destas espécies deu origem na África central, há uns três milhões de anos atrás, ao primeiro ser humano – *homo sapiens* – chamado *homo habilis*. Um milhão de anos depois, surgiu o *homo erectus*, descendente do *homo habilis*, que já manufacturava implementos como o machado. Ele saiu do continente africano rumo à Ásia e à Europa, assim iniciando o primeiro fluxo migratório de seres humanos arcaicos para fora da África.

O gênero *Homo sapiens*, o ser humano arcaico, inclui várias espécies e não há descendentes entre nós. Com os últimos deles, o Neanderthal e o *Homo floresenses*, eles desaparecem há mais ou menos 30 mil anos atrás.

O *homo sapiens sapiens*, ou homem anatomicamente moderno, é a espécie a que nós pertencemos. Também se originou e evoluiu na África, há uns 200 mil anos atrás, e de lá saiu, por volta de 100 mil anos atrás, numa segunda fase de ondas migratórias, atravessando a Eurásia e atingindo as Américas. Além das evidências paleontológicas e arqueológicas, as pesquisas na área da biologia genética, e particularmente a análise do **DNA mitocondrial**, confir-

mam a origem comum de todos os seres humanos na África.

Ao espalharem-se pela Eurásia, os seres humanos que saíram do continente africano iniciaram um processo de intercâmbios genéticos que não parou até hoje. No decorrer de milhões de anos, o fluxo dessas migrações, atravessando grandes áreas geográficas, trazia consigo as mudanças genéticas e características físicas próprias às diferentes populações locais. Desde o início, houve mistura e miscigenação entre povos diferenciados.

Há aproximadamente trinta mil anos, aparecem os primeiros vestígios de criação artística, assinalando uma nova fase no desenvolvimento da vida humana. Por volta de 18 mil anos atrás, encontram-se, também na África, os primeiros indícios da prática agrícola.

Um povo de pele negra, chamado Gri-

DNA Mitocondrial

O DNA retirado da mitocôndria é diferente do DNA do núcleo da célula e é transmitido apenas pela linhagem feminina. Baseando-se na análise desse DNA, pesquisadores da Universidade de Califórnia construíram uma árvore genealógica para o gênero humano. Identificaram a chamada Eva Mitocondrial, avó de todos nós: uma mulher que viveu na África há uns 200 mil anos. Não que ela fosse a única mulher então existente, mas sua linhagem sobreviveu e se multiplicou até os últimos tempos.



maldi, é o primeiro *Homo sapiens sapiens* encontrado na Europa. Tudo indica que essa população adentrou esse continente há uns 40 mil anos atrás. O homem Grimaldi é o autor da primeira indústria artística importante, a aurignácia.

Verificamos a presença no Brasil de uma antiga população humana muito semelhante ao Homem Grimaldi. Ainda no século XIX, Lund descobriu dezenas de crânios pré-colombianos que não eram de índios. Esses crânios ficaram nos museus até a década de 1970, quando paleontólogos brasileiros novamente os examinaram. Somente em 1999, com novas tecnologias da informática, os cientistas puderam reconstituir um composto digital do conjunto de traços físicos das faces desses crânios, criando imagens, uma feminina e outra masculina, que apelidaram de Luzia e Luizão. As feições são nitidamente parecidas às das populações de pele negra da África, da Austrália, do Pacífico, da Melanésia e do sudeste da Ásia.

Raça, verdade científica ou invenção ideológica?

A idéia das chamadas raças humanas surgiu quando cientistas europeus quiseram categorizar diferenças entre seres humanos vindos de regiões afastadas da Europa. Aparências distintas foram associadas a supostas diferenças biológicas, formando um conceito geográfico de “raça”. Imaginou-se uma hierarquia de capacidade intelectual e civilizatória em que as raças não européias seriam classificadas como inferiores. A idéia da superioridade da raça branca, supostamente comprovada pela ciência, passou a justificar procedimentos de dominação de outros povos, como a conquista, a escravidão, o colonialismo e o imperialismo. Hoje, o peso esmagador dos dados científicos fundamenta os seguintes pontos de consenso:

- A idéia do suposto isolamento das populações em regiões específicas de certas “raças” é um equívoco. Houve sempre interação e miscigenação entre os grupos humanos, desde os tempos remotos, e esse fato esvazia a noção das raças geográficas.
- Os seres humanos pertencem todos à mesma espécie. Os seres humanos evoluíram de uma ancestralidade comum iniciada na África.
- A gama de variações genéticas ligadas às habilidades humanas é maior dentro de qualquer uma das “raças” geográficas do que entre elas.
- Há apenas diferenças genéticas minúsculas entre as “raças” geográficas, e essas diferenças não estão ligadas à capacidade intelectual ou à personalidade e constituição psicológica das pessoas.

Essas pessoas faziam parte de uma população de pele negra que teria chegado do norte da Ásia ao continente sul-americano entre 18 mil e 12 mil anos atrás, atravessando o Estreito de Bering. Encontram-se espécimes semelhantes, datadas de mais ou menos a mesma época, na América do Norte, na Colômbia, no Chile e na Argentina.

Todavia, a data para a primeira presença de humanos nas Américas não cessa de recuar. Segundo a paleontóloga Niède Guidon, ela seria entre 50 a 60 mil anos atrás.

Os achados surpreenderam a comunidade científica por contrariar a

teoria até então vigente de uma origem única dos povos das Américas em migrações posteriores de gente com aparência asiática que teria chegado pelo Estreito de Bering entre 10 mil e 12 mil anos atrás.

Mas no contexto da longa história das migrações humanas a partir do continente africano, não causa nenhum espanto a presença nas Américas de populações de pele negra como a representada por Luzia e Luizão.

PRIMEIRAS TECNOLOGIAS

Além de dar à luz a humanidade, a África foi também palco da primeira

grande revolução tecnológica da história humana: a passagem da existência como caçador e apanhador de frutos silvestres para a prática da agricultura. A prática da agricultura no vale do rio Nilo existia há 18 mil anos atrás e na região do Saara, antes de virar deserto, desde há sete mil anos. Cultivava-se mais de vinte e cinco espécies no vale do Rio Niger àquela época.

A criação de gado é outro elemento que caracteriza o desenvolvimento da civilização, e também aparece na África, na Quênia, desde há 15 mil anos atrás. A sociedade responsável por essa domesticação de animais tinha elevado grau de sofisticação. Da África, a técnica pode ter se espalhado até o vale dos rios Tigre e Eufrates no Oriente Médio.

Desde uns 13 mil anos atrás, os Ichongui, da região que compõe o atual país de Zaire, utilizavam uma espécie de ábaco, um instrumento de cálculo. Povos de pele negra da África central construíram algumas das primeiras obras monumentais da humanidade.

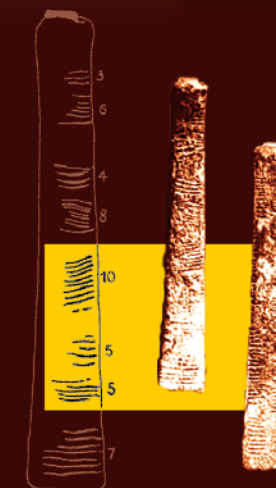
Mais de cinco mil anos antes de Cristo, já existiam populações mais concentradas de prática agrícola ao lado dos rios Nilo, Niger e Congo. Eles aprimoravam o conhecimento tecnológico e desenvolviam comunidades cada vez mais sofisticadas, formando povoados com estrutura social fortemente hierarquizada e, em longo prazo, reinos e entidades politicamente organizados.

Berço da humanidade, a África foi o ponto primordial de onde saíram as populações de pele negra que povoaram o mundo em diversas ondas migratórias iniciadas desde há mais de 60 mil anos.

A África foi palco de alguns dos maiores avanços tecnológicos da história humana: a prática agrícola, a criação de gado, o comércio, a organização social e política, a mineração e a metalurgia (cobre, bronze, ferro, aço).

Desde 8.000 a. C., há agricultura na região do Saara ainda verde.

Em outras regiões da África, ao lado dos rios Nilo, Niger e Congo, também se desenvolvem o plantio, o saber, a sociedade e a criatividade.



até 8000 Ábaco Ichangi, instrumento de cálculos matemáticos encontrado na África central (atual Congo/Zaire).



4500 Kadruka e Wadi el-Khowi, comunidades cultural, social e tecnicamente organizadas no Sudão.



5000 Garamante e Badário, agricultura organizada, domesticação de gado, cerâmica, ferramentas, criação e sofisticação artística no Saara e no Sudão.

até 4500

Aqui você vai conhecer um esboço geral de como os povos da África povoaram o continente e desenvolveram suas comunidades ao longo do processo histórico.

UMA VISÃO GERAL

A África é um continente enorme com muitos povos, nações e culturas diferentes, mas essa diversidade guarda aspectos compartilhados. Esses aspectos têm raízes nos tempos remotos das suas origens.

Existe uma unidade subjacente em todas as regiões africanas, que reflete um processo iniciado nos tempos em que surgiram a agricultura e a criação de gado. O povoamento do continente envolvia deslocamentos de populações com origens comuns que se estabeleciam em terras novas como grupos distintos, consolidando novas identidades ao mesmo tempo em que conservavam semelhanças derivadas das tradições originais.

As fases férteis do Saara e sua lenta transformação em deserto provocaram migrações e intercâmbios entre seus habitantes e vizinhos. Seguiam populações em direção ao leste, nordeste, norte e sul, onde se misturavam aos povos locais. Assim, do Saara e do Sudão difundiam-se elementos culturais e simbólicos, bem como instituições e atitudes sociais, comuns a povos africanos geograficamente muito distantes entre si. O domínio da tecnologia do ferro se integra a esses fluxos, formando um fator de desenvolvimento comum entre os povos do continente.

A civilização clássica do Egito é outra fonte comum, refletida em vários aspectos de fluxo cultural. Mais de mil

línguas distintas derivam de alguns poucos grupos lingüísticos, e há indícios crescentes de que a antiga língua egípcia tenha sido uma espécie de língua-mãe do continente. É importante frisar que se trata não de dialetos – um equívoco comum no Brasil – mas de línguas africanas.

A ESCRITA

Segundo as teses racistas, os negros africanos seriam inferiores porque não foram capazes de desenvolverem sistemas de escrita. Na realidade, eles estão entre os primeiros a desenvolver a escrita. Os africanos que constituíram o Egito desenvolviam sua grafia desde antes de 4000 a.C., e a escrita meroítica, que ainda está sendo decifrada, é uma das mais antigas do mundo. Além desses hieróglifos egípcios e meroíticos, existem vários outros sistemas de escrita desenvolvidos por povos negro-africanos antes, e depois da invasão muçulmana que introduziu a escrita árabe.

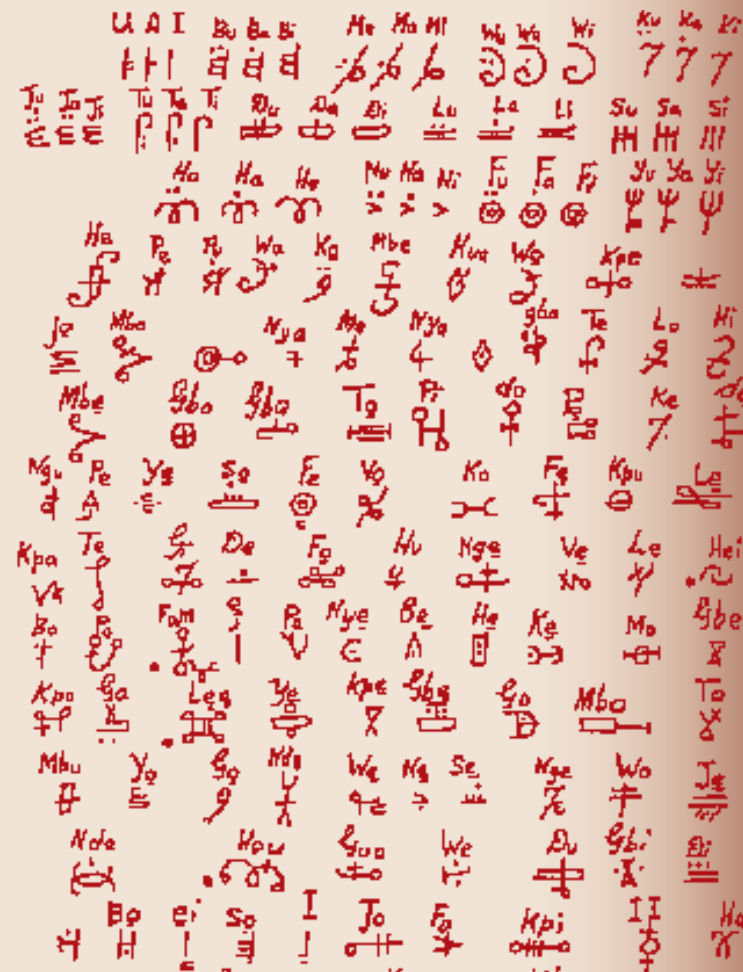
Um preconceito ajudou a reforçar essa tese equivocada: a própria definição de escrita. Os europeus usam o sistema fonológico alfabético, onde cada letra representa um som. O alfabeto árabe, que prevaleceu durante séculos na Europa, é fonológico silábico, cada letra representando uma sílaba. Mas há outros tipos de escrita, como o pictográfico e o ideográfico, além da escri-

ta por meio de objetos. Na África, os pictogramas constituem uma rica e variada forma de expressão, registrando saudações, histórias, e advertências. O simbolismo religioso *bwiti* do Gabão, as paredes de casas pintadas na região ocidental dos Camarões, ou as seqüências de desenhos utilizados pelos *sin'anga* (médicos) de Malawi são alguns exemplos dessa forma de escrita que se encontra em toda a África.

O ideograma, já uma representação simbólica, é utilizado na escrita chinesa e em várias regiões da África. O *nsibidi*, por exemplo, é um sistema gráfico muito antigo, usado por diversos povos das regiões oriental e central da Nigéria para transmitir os ensinamentos da filosofia. Além dos *adinkra*, os povos *acã* têm a tradição dos *djayobwe*, figuras esculpidas em ferro ou bronze utilizadas na pesagem do ouro e que transmitem mensagens esculpidas em forma de pictogramas ou ideogramas. Existe também o sistema de escrita ideográfica *sona* ou *tusona* entre os povos *cokwe*, *lucazi*, *mbwela* e *mbanda* de Angola e Zâmbia.

A escrita fonológica representa os sons da linguagem (fonemas ou sílabas) e não depende da memorização para ser compreendida, como é o caso do ideograma. Entre os sistemas antigos de escrita fonológica na África estão o *vai* (Libéria), *toma* (Guiné), *mende* (Serra Leoa) e *bamun* (Camarões).

	52	{ initial aleph or e		s	l
	5	e		h(kh)	
	1	i		h(kh)	
	4	y		s	
	///	y		s(st)	
	3	w		k	
	v	b		q	
	z	p		c	
)	m		te	
	2	n		te	
	2	n		d	
	o, e	r	:	:	{ stop to separate words



A escrita por meio de objetos encontra expressões bastante sofisticadas, como é o caso dos *djayobwe* acima mencionados. Outro exemplo está no *aroko* dos ioruba, um sistema complexo utilizado por líderes militares, reis e príncipes, consistindo de arranjos de búzios e penas que constroem, às vezes, uma representação silábica e, portanto, fonética das palavras. O *mekutu aieie* dos Camarões e o *ngombo* de Angola são outros exemplos de escrita por objetos.

Os hieróglifos egípcios, a mais antiga forma de grafia africana, combinam a pictografia com mais uma técnica, a homofonia. Assim resolveram o proble-

ma básico da escrita pictórica: a impossibilidade de escrever conceitos abstratos como amar, lembrar ou tornar-se. O princípio da homofonia é simples: o símbolo pictórico de um objeto serve também para escrever foneticamente todas as outras palavras pronunciadas da mesma forma. Assim, por exemplo, a imagem da enxada – cujo nome em egípcio é pronunciado *mer* – representava também o verbo *mer* – amar. O tabuleiro de xadrez – *men* – representava o verbo *men*, que significa permanecer estável. Os escribas egípcios estendiam esse princípio de diversas formas e assim trabalhavam com conceitos abstratos.

A escrita meroítica (acima à esquerda) se desenvolveu nos reinados de Méroe, que atingiram seu auge no Sudão Ocidental a partir do terceiro século antes da Era Cristã. Diferente dos hieróglifos egípcios, a meroítica é uma escrita essencialmente alfabética.

A escrita dos Mende, de Serra Leão (acima à direita), é silábica como a Vai, mas ao contrário desta, sua leitura é da direita para a esquerda devido à influência de antigos sistemas pictográficos e da transcrição secreta de textos em árabe.

Há migrações e fluxos entre os povos desde os tempos antigos. A seca do Saara leva populações em direção ao vale do rio Nilo e à África central e ocidental.

Ao longo de sua história, a África conquista tecnologia e conhecimento, a começar pela escrita, com seu início nas formas que evoluíram para os hieróglifos egípcios.

A invenção do calendário, mais exato que o nosso, foi resultado do saber em astronomia dos antigos.

Os túmulos ciclopeanos da África central estão entre as primeiras obras monumentais da humanidade.



O Deus Thoth simboliza um avanço revolucionário: a escrita, presente na África em diversas épocas e formas além dos hieróglifos, como os Adinkra, Bassa Vah, Shumon, Nsibidi e Mende.

4000 Núbia el-Kadada, reinos antigos do Sudão. Em toda a África, o desenvolvimento de culturas e tecnologias.

4000

Aqui você vai estudar alguns temas que perpassam a experiência africana, formando o contexto em que os estados e impérios africanos se desenvolveram.



O SABER E O PROGRESSO TECNOLÓGICO

A principal característica que diferencia o ser humano é a capacidade de refletir sobre sua própria existência e modificar o ambiente em que vive, construindo conhecimento e civilização. Alegar que os negros africanos eram intelectualmente inferiores e cultural e socialmente incapazes de criar conhecimento e tecnologia equivale a negar-lhes sua própria condição humana. A verdade é que a reflexão e a construção do conhecimento marcam a experiência dos povos africanos desde muito cedo.

Em todo o continente e em diversas épocas, os povos africanos desenvolveram sistemas de escrita e altos conhecimentos na astronomia, matemática, agricultura, navegação, metalurgia, arquitetura e engenharia. Na medicina, praticavam cirurgias desde a cesariana até a autópsia, passando pela remoção de cataratas oculares e tumores cerebrais. Conheciam e aplicavam vacinas contra a varíola e outras doenças. Construíram cidades belíssimas e centros urbanos de conhecimento internacional que abrigavam bibliotecas enormes – em Timbuktu, os maiores lucros eram obtidos com o comércio de livros. Criaram filosofias religiosas, sistemas políticos complexos e duráveis, obras de arte de alta sensibilidade e sofisticação. A riqueza do ouro e do marfim africa-

nos não apenas compunha as moedas como decorava os lares e as beldades da Índia, da China e da Europa. O melhor ferro no mercado internacional do século doze, de acordo com o historiador muçulmano al-Idrisi, era o da África central e meridional.

No campo da reflexão filosófica, os egípcios deixaram um legado rico compilado na *Husia*, prosa e poesia da ética, e no *Ma'at*, que permaneciam estreitamente ligados à esfera da espiritualidade. A tendência era de essa produção intelectual permanecer anônimo, diferente da prática ocidental a partir dos filósofos gregos, em que a autoria individual passa prevalecer sobre a autoridade da tradição. Cheikh Anta Diop observa que a matemática pitagórica, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto, o materialismo epicureano, o idealismo platônico, o judaísmo, o Islã e a ciência moderna têm suas raízes na cosmogonia e na ciência africanas do Egito.

Assim, a experiência africana trazia não apenas o acúmulo de riqueza e a centralização do poder, como também o desenvolvimento tecnológico, cultural e intelectual. Essa experiência africana se integrava ao mundo antigo num intercâmbio dinâmico.

NATUREZA DO ESTADO POLÍTICO E DA PROPRIEDADE

Nós costumamos identificar a existência de grandes estados e impérios

como indicador do progresso político. Esse critério é um tanto arbitrário, pois muitas vezes as sociedades pequenas se demonstram capazes de criar formas democráticas, igualitárias e duradouras de governo. Por exemplo, o modelo do consenso político tem origem nos pequenos povoados africanos, asiáticos e dos indígenas das Américas. Hoje, esse modelo serve como referência no exercício da democracia entre nações em organismos internacionais como a ONU e a OEA.

Contudo, existiam grandes estados e impérios no contexto africano. O Império de Mali abrangia um território maior que o Império Romano. Aqui vamos observar algumas características do estado político na África.

Na maioria dos casos, prevalecia a monarquia espiritualmente fundada. Isso significa que os poderes políticos se baseavam na sanção espiritual reconhecida por todos. A pessoa do monarca não era considerada divina mas incorporava o consentimento de Deus ao bem-estar de seu povo.

Um fato básico das sociedades tradicionais africanas é a propriedade coletiva da terra. A terra, como o ar, era considerada um bem comunitário indivisível e inalienável, pois pertencia na verdade à natureza. Esse princípio da terra como bem coletivo fazia com que os reinados africanos fossem mais amplamente democráticos do que seus con-

temporâneos na Europa ou no Oriente Médio.

A descentralização do poder também apontava uma prática democrática mais ampla. Além disso, o rei desempenhava um papel especial como regulador da distribuição de riqueza. Há uma cena famosa, de aparente ostentação do Imperador Mansa Musa de Mali, quando viajou para Meca distribuindo ouro aos povos locais. Na verdade, este é um exemplo simbólico dessa função do rei. Em Gana, o ouro em pedra pertencia ao rei, mas o ouro em pó ele deixava ao povo. Assim, além de acumular riqueza, o soberano a distribuía, e sem cumprir essa dupla função não lhe seria possível exercer a autoridade investida com o poder real.

A SOCIEDADE MATRILINEAR

Nas sociedades agrícolas, destaca-se o papel da mulher na produção e na organização econômicas. Por isso, muitas sociedades tradicionais africanas são matrilineares desde tempos imemoriais: a linhagem familiar é traçada com referência à mãe. Nessas sociedades, há uma partilha de direitos e responsabilidades entre homens e mulheres. A mulher goza de direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais. Seu papel é marcante na sucessão real, na herança de bens materiais, e no exercício do poder político.

No Egito antigo, o mito que fundamentava o sentido de nacionalidade é o

de Osíris, visto como deus e como primeiro soberano simbólico. De acordo com esse mito, Osíris exerce o poder político e o espi-ritual em conjunto com Ísis, sua irmã e esposa. Ísis ensina a prática da agricultura, que Osíris transmite aos outros povos. Osíris também estabelece e ensina os princípios de Ma'at, a filosofia da justiça, da verdade e do direito que fundamentava a matriz ética da nação egípcia. O deus Set, divindade dos desertos, das doenças e das tempestades, assassina Osíris e corta seu corpo em uma infinidade de pedaços, que espalha pelos quatro cantos do mundo. Isis sai à procura dos pedaços, os recolhe, reconstitui o corpo de Osíris e o ressuscita. Ela ensina ao filho, Hórus, os segredos de Ma'at, assim assegurando a continuidade dessa ética.

As normas e práticas político-sociais do Egito faraônico se fundam nessa história, que estabelece uma base forte para o exercício do poder. O próprio título conferido ao faraó, soberano do Egito, ilustra esse fato: era Hórus.

Outras deusas do panteão egípcio, como Hathor e Neith, representam o papel forte da figura feminina na partilha do poder político, intimamente ligado ao domínio espiritual. A estudiosa e escritora Sônia Sanchez observa

... as mulheres, assim como os homens, eram consideradas divinas. Nessas condições favoráveis, as deusas retinham o seu prestígio ao tor-

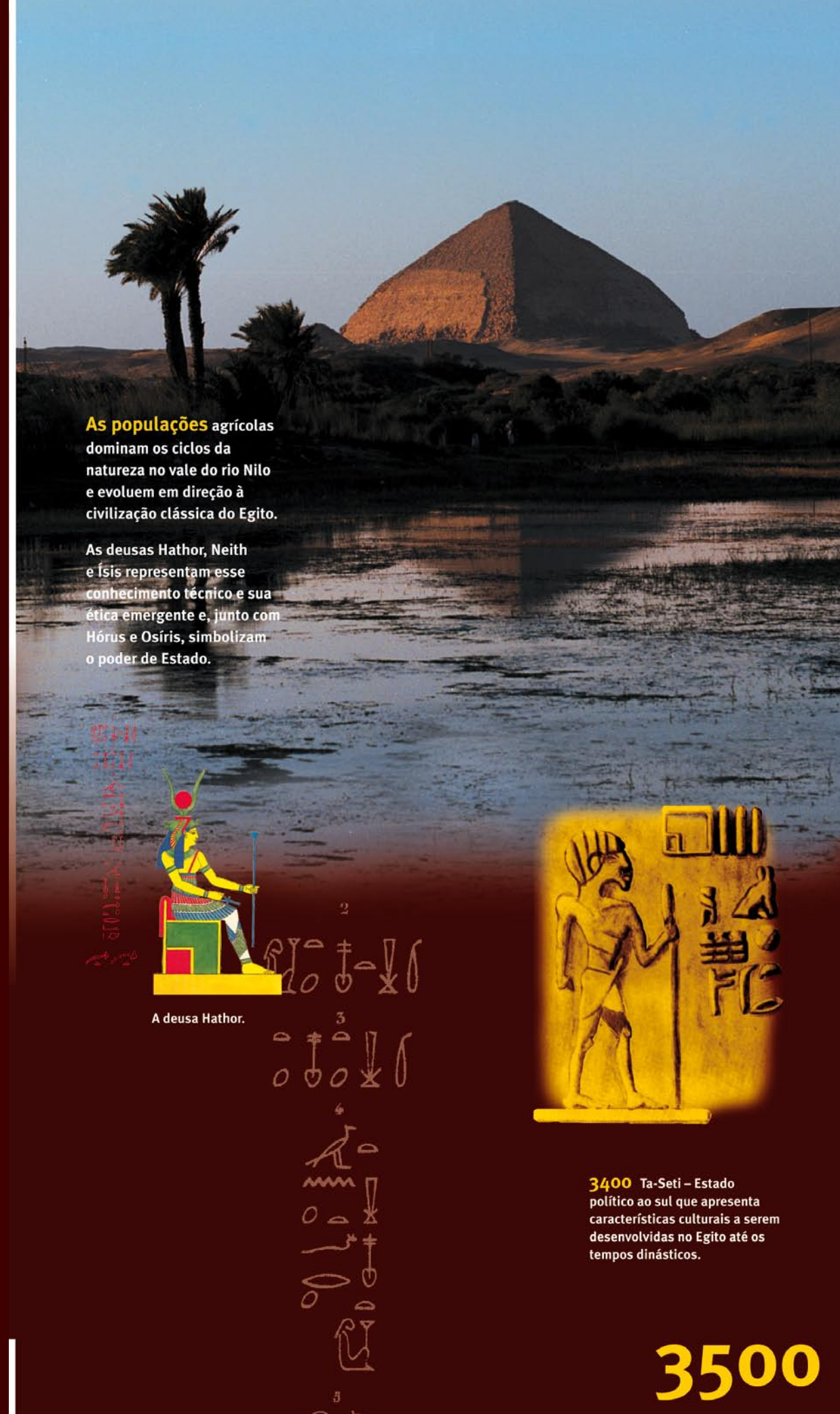
narem-se esposas; o casal constituía a unidade religiosa e social: a mulher atuava como aliada e complemento do homem; possuía os mesmos direitos que o homem, os mesmos poderes na justiça: ela herdava, era proprietária. Acima de tudo, as mulheres ostentavam nomes que designavam os atributos divinos de Deus.

São vários os exemplos de mulheres soberanas no Egito. A mais famosa, a faraó Hatshepsut, foi excepcional porque assumia todas as funções de chefia do estado. Outras, como Tiye e Nefertiti, reinavam junto com os parceiros.

Nos reinos meroíticos de Núbia, no atual Sudão, a linhagem das rainhas Kentakes ou Candaces reinou durante 600 anos, liderando por direito próprio e não na qualidade de esposas, a administração civil e militar da sua nação.

Mais tarde, na época do colonialismo, destaca-se a resistência de mulheres soberanas contra o domínio estrangeiro, nessa mesma linha de ação das Candaces. Angola nos dá o exemplo da Rainha N'Zinga, Gana o de Asantewaa, e assim por diante: a história da África é repleta de rainhas estadistas e guerreiras.

O impacto dos sistemas patriarcais do islamismo e do colonialismo europeu não conseguiu eliminar o legado da tradição matrilinear africana.



As populações agrícolas dominam os ciclos da natureza no vale do rio Nilo e evoluem em direção à civilização clássica do Egito.

As deusas Hathor, Neith e Ísis representam esse conhecimento técnico e sua ética emergente e, junto com Hórus e Osíris, simbolizam o poder de Estado.

A deusa Hathor.

3400 Ta-Seti – Estado político ao sul que apresenta características culturais a serem desenvolvidas no Egito até os tempos dinásticos.

3500

Aqui você vai estudar sobre a identidade racial e étnica dos povos que criaram as primeiras civilizações africanas, inclusive a egípcia.



O MITO DO NEGRO SELVAGEM

Várias noções falsas foram criadas para justificar a idéia da inferioridade do negro africano. Dizia-se que os negros não construíram civilização. Mas algumas das primeiras civilizações do mundo, como a egípcia e a núbia, estão na África. Como justificar, então, a idéia da falta de capacidade dos negros africanos para criar ou mesmo contribuir para a civilização humana?

A egiptologia, disciplina surgida na Europa no século XIX, dedicou-se durante muito tempo a esse dilema, produzindo as teses que formam a base principal das teorias pseudo-científicas do racismo.

Uma das mais importantes soluções encontradas foi a de extirpar as civilizações clássicas africanas do continente, situando-as como civilizações orientais. Assim, o Egito pertenceria não à África, mas ao Oriente Médio.

Apesar de geograficamente impossível, essa operação foi um sucesso ideológico: ainda hoje existe o hábito de identificar o Egito como país do Oriente Médio e não do continente africano, como era ensinado nas escolas do Ocidente até muito recentemente.

Outra idéia igualmente importante é que, desde a Antigüidade, o norte da África tenha sido racialmente distinto do restante do continente, formando uma suposta “África branca”.

MÁSCARA BRANCA NA ÁFRICA CULTA

Nesse esquema que o Ocidente criou para justificar as teses racistas, a civilização e a cultura erudita pertenceriam a essa “África branca” ao norte do continente, distinta de uma outra África, negra e selvagem, ao sul do Saara. Essa imagem popular prevalece até hoje, reforçada por representações no cinema e na televisão.

Formulou-se ainda a teoria de uma raça “hamítica” ou “vermelho-escura”

que seria distinta da raça negra africana. Os criadores das civilizações clássicas de Núbia e Egito seriam dessa chamada “raça páleo-mediterrânea branca”.

Mas as imagens originais dos faraós e dos antigos egípcios mostram pessoas negras, como exemplifica o retrato do fundador do Egito unido, o primeiro faraó Hórus Narmer, também chamado Menes. A fisionomia de todas as representações dos grandes faraões dinásticos e também a da própria Esfinge exibem feições negras.

O mito do Egito Branco

A grande riqueza do Egito serviu como ímã para atrair os povos brancos vizinhos, os semitas do Oriente Médio. Com o passar do tempo, a região do extremo norte do Egito, o Delta, se transformou num espaço geográfico de mistura dessas populações imigrantes com os egípcios autóctones de pele negra. Esse processo de miscigenação é um fenômeno encontrado em todo o Mediterrâneo e Oriente Médio, e praticamente em todos os cantos do planeta. Mas a partir dele surgiria o mito de um “Egito Branco”, supostamente o autor do conhecimento e das conquistas tecnológicas, numa tentativa de desapropriar os africanos do prestígio de sua própria cultura e civilização.

Os mouros que dominaram a Europa durante séculos, os Tuaregs do Saara, e os Berberes do Magreb, também são povos miscigenados, produtos de velhas misturas entre as populações negras autóctones do norte da África e outras que vieram em migrações posteriores. Antropólogos se dedicaram a pintá-los de brancos, classificando-os como mediterrâneos ou brancos. A mulher retratada na fotografia, por exemplo, é da etnia tebo do oásis Bordai em Tebesti, Chade. Os velhos manuais da antropologia diziam que os tebo não eram negros, embora tivessem a aparência negra.

A imagem do africano do norte branco, com traços físicos do tipo semítico, estabeleceu-se séculos após o domínio mouro da península ibérica, quando os europeus viveram em contato íntimo com africanos do norte. Naquela época, documentaram nas artes plásticas e na literatura a fisionomia do mouro de pele negra. O inesquecível Otelo, de Shakespeare, é o mais ilustre exemplo. Ícones, estátuas e desenhos confirmam graficamente essa identidade negra dos mouros, portadores da civilização avançada e do conhecimento técnico-científico, responsáveis por uma grande renascença intelectual na Europa e também por nossos números!

Durante milênios, o Saara era verde. Os povos de pele negra que habitavam o Saara migraram em diversas épocas rumo ao vale do rio Nilo. Lá se encontraram com populações originárias da África central. Juntos, esses povos de pele negra iriam formar a base demográfica da civilização clássica núbica e egípcia. Mesmo depois do período verde, o Saara sempre foi habitado por gente “subsaarana”, ou seja, pessoas de pele negra.

A idéia da África dividida pelo Saara presume que o deserto seja uma barreira quase intransponível. Mas o fluxo de viajantes, migrantes e comerciantes atravessando o Saara criou um intercâmbio ativo e constante entre os povos ao norte e ao sul do deserto.

Além disso, as populações negras da África subsaariana criaram civilizações e avanços científico-tecnológicos; grandes centros urbanos caracterizados pela erudição; e Estados e Impérios com sofisticada organização política como Mali, Songai, Gana, Quíloa, Zimbábue e tantos outros.

ORIGENS DO EGITO DINÁSTICO

O antigo Egito se originou com a unificação de vários reinos africanos que compuseram dois grupos de influência básica: os do Sul e os do Norte. A própria natureza forma essas duas regiões. As estreitas lascas de terra ao lado do rio Nilo, de Aswan até Cairo consti-

tuem a região Sul. O Delta, ou a região superior (ao norte), forma um triângulo das terras deixadas pelo rio ao longo de milênios. Os deuses Hórus e Osíris presidiam as culturas desses reinos. Sob a liderança de Hórus Narmer, ou Menes, esses reinos se unificaram e passaram a conviver como um só Estado durante as trinta dinastias da história egípcia.

A grande façanha da época pré-faraônica foi controlar a terra e dominar a natureza para estruturar a prática organizada da agricultura. Os ciclos das chuvas e das águas do Nilo demandavam a mobilização de muita gente para atingir esse domínio. Era preciso limpar a terra, drenar os pântanos, construir diques, represas e canais de irrigação. A mobilização dessa força de trabalho em grande escala contribuiu para a estruturação política e a evolução do Estado.

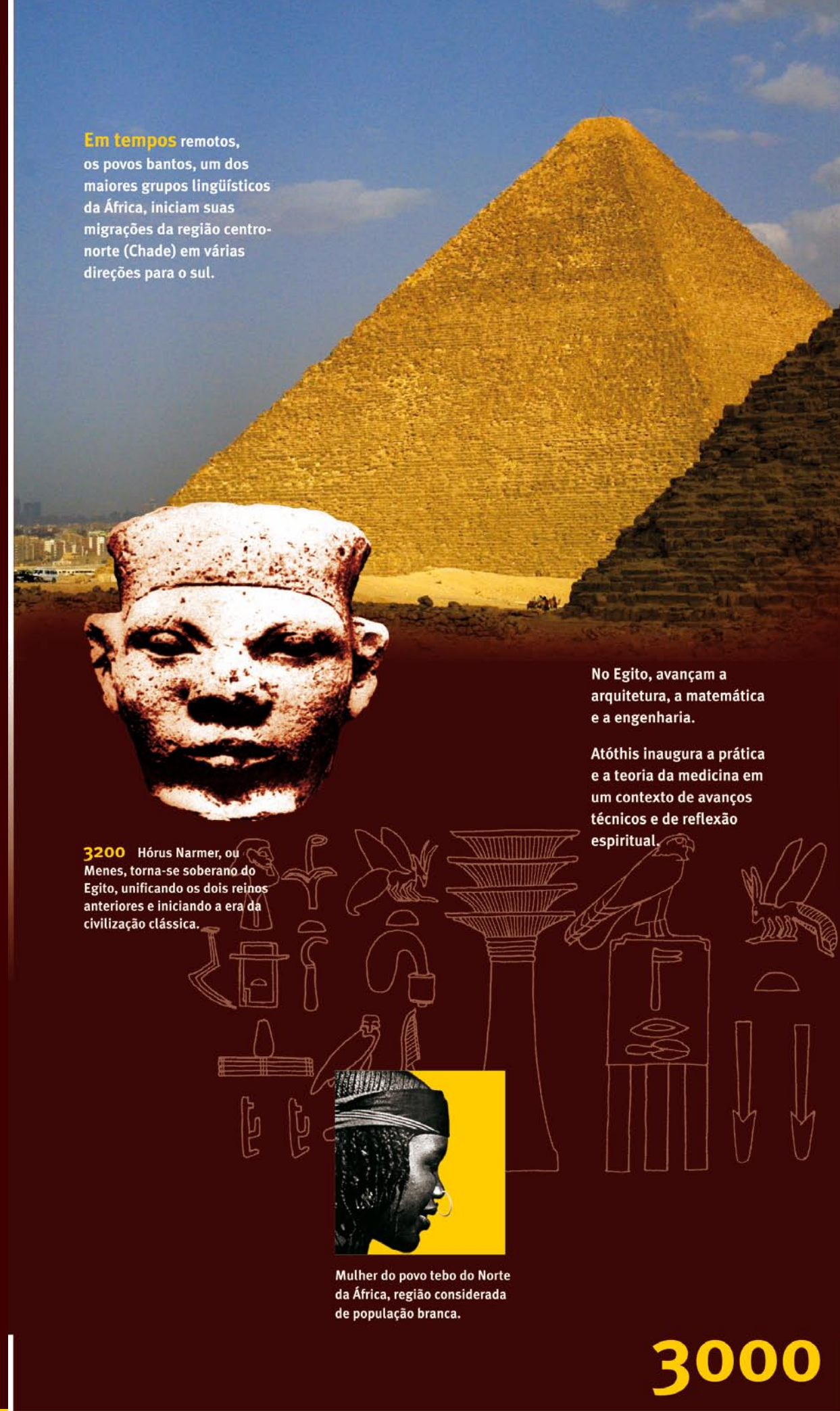
A natureza como fonte da vida ocupava o centro das concepções filosóficas dos egípcios antigos, e a unidade essencial de todas as manifestações da vida se destacava como fundamento de sua religiosidade. Nessa filosofia religiosa o universo compõe um sistema em que tudo se liga e se interliga. Essa unicidade implica numa multiplicidade de aspectos do mesmo todo, pois os diferentes componentes do todo têm sua existência própria ao mesmo tempo em que constituem uma unidade só, um todo. Para muitos estudiosos, essa é uma característica da maneira africana

de compreender a realidade que irradiou do Egito antigo a toda o restante da África, compondo um elo de unidade cultural.

Essa concepção africana do universo difere daquela do Ocidente por não separar o corpo da mente e do espírito, e difere do oriental porque concebe o espiritual em termos concretos, personalizados.

Nessa concepção do cosmos, a vida e a morte são muito próximas, duas partes do mesmo universo. A viagem do faraó para o mundo do além após a morte simbolizava a passagem de todos os seres humanos, tanto ao nascer como também ao morrer, de um lado do cosmos para o outro. E nos dois lados o Ma'at, filosofia da ética e da justiça, demandava dos homens, das mulheres e sobretudo dos soberanos as mesmas atitudes e o mesmo comportamento pautados no cumprimento dos preceitos da boa convivência. Dessa forma, a fascinação dos egípcios com a vida após a morte não tem igual no mundo.

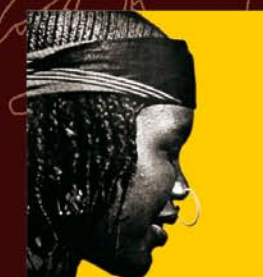
Em tempos remotos, os povos bantos, um dos maiores grupos lingüísticos da África, iniciam suas migrações da região centro-norte (Chade) em várias direções para o sul.



No Egito, avançam a arquitetura, a matemática e a engenharia.

Atóthis inaugura a prática e a teoria da medicina em um contexto de avanços técnicos e de reflexão espiritual.

3200 Hórus Narmer, ou Menes, torna-se soberano do Egito, unificando os dois reinos anteriores e iniciando a era da civilização clássica.



Mulher do povo tebo do Norte da África, região considerada de população branca.

3000

Aqui você vai ler algumas informações sobre as raízes africanas egípcias de nossa civilização ocidental moderna.

CONHECIMENTO E CULTURA NO ANTIGO EGITO

Quando falamos de povos africanos, subentendemos que são de pele negra, porque na África antiga havia pequenas populações brancas, e ainda assim fortemente miscigenados, apenas na região do Delta, no extremo norte do Egito, e em bolsões específicos do território da Líbia e da Abissínia habitados pelos lebus. Esse fato contraria a hipótese de uma suposta “África branca” no Norte do Continente.

Segundo uma das teses da egiptologia, povos brancos imigrantes vindos do Norte teriam construído o Estado egípcio, sua cultura e suas conquistas de conhecimento e tecnologia. Essa versão está longe da verdade histórica.

A civilização egípcia nasceu dos reinos africanos mais antigos da Núbia, ao Sul do Egito, que também deram origem aos reinos de Querma e de Cush, no atual Sudão. Tanto os reinos do Egito pré-dinástico como os da Núbia surgiram da migração de povos africanos vindos do Sul, do Oeste e do Sudoeste do Continente. A seca do Saara provocou, em parte, esse fluxo migratório.

Em 1977, no sítio arqueológico de Qustul, na antiga Núbia, surgiu a evidência material da origem africana da civilização egípcia. Os artefatos colhidos em Qustul mostraram a existência de um reino chamado Ta-Seti. Antecedendo por treze gerações a unificação

do Egito, Ta-Seti já trazia na sua cerâmica as imagens de Osíris, Ísis e Hórus, marcas simbólicas da filosofia religiosa e da estrutura de estado do Egito.

O povo desse reino chamava-se Anu-Seti. A palavra Anu recorre com frequência na mitologia africana antiga e alguns pesquisadores o associam à cor negra com base em evidências lingüísticas.

A existência e as características do reino de Ta-Seti e sua cultura comprovam que a organização do estado político, bem como a escrita, surgem na África muito antes do que anteriormente se supunha.

A civilização egípcia protagonizou avanços tecnológicos revolucionários, inclusive a invenção da escrita. Conheçamos alguns desses avanços:

- **Desde mais de quatro mil anos antes da Era Cristã desenvolvia sua escrita; de seu conhecimento astronômico evoluía um calendário mais exato que o ocidental moderno.**
- **As pirâmides demonstram a teoria e a prática de uma engenharia extremamente precisa desde há quatro milênios e meio.**
- **Os papiros de Ahmes e de Moscou mostram uma matemática avançada e abstrata desenvolvida desde treze séculos antes de Euclides.**

• **Atótis, um sábio egípcio, pesquisava e praticava a medicina desde aproximadamente 3200 anos antes da Era Cristã. A partir do ano 2980, o mestre Imhotep protagonizou avanços consideráveis no conhecimento que lhe valeram a deificação. Os papiros descobertos por Smith (1650 a.C.) e Ebers (2600 a.C.) revelam conhecimentos médicos avançados, inclusive as primeiras suturas e fitas; o início da antissepsia com sais de cobre; e “a existência de uma medicina objetiva e científica..., fundamentada na atenta e repetida observação do doente, na experiência clínica e num conhecimento da anatomia que até o momento ninguém suspeitava”, de acordo com o tradutor dos textos desses papiros.**

Os primeiros cientistas-filósofos gregos, como Sócrates, Platão, Tales, Anaxágoras e Aristóteles, estudaram no Egito e de lá absorveram conhecimento e assimilaram técnicas para a prática da investigação empírica e da reflexão conceitual.

Os próprios gregos antigos reconheciam a grande influência do conhecimento egípcio sobre sua herança intelectual e cultural. E conheciam os egípcios como africanos negros. O escritor grego Heródoto, conhecido como o “Pai da História”, observou de primeira mão, na época, a filiação africana

do Egito quando afirmou que “entre os egípcios e os etíopes, não gostaria de dizer quem aprendeu com quem.” Na época, a expressão “etíope” referia-se aos africanos de forma genérica.

A partir da década de 1950, o cientista senegalês Cheikh Anta Diop realizou extensas pesquisas que derrubaram a tese da origem externa da civilização egípcia. Ele realizava trabalhos nas áreas da química, lingüística, arqueologia e análise de isótopos de rádio carbono; fundou o Laboratório do Instituto Fundamental da África Negra em Dacar. Os resultados de suas investigações têm sido repetidamente confirmados por dados levantados em várias disciplinas científicas. Constituem uma sólida referência de base para o estudo das civilizações clássicas africanas e sua influência no mundo antigo.

Cheikh Anta Diop constatou e seus seguidores vêm mostrando que a influência clássica egípcia está para a África como a greco-romana está para a Europa e que o Egito sempre manteve intercâmbio com o restante da África. Já na quarta dinastia (ca. 2620-2480 a.C.), grandes expedições marítimas e comerciais seguiam ao sul e ao ocidente do Continente, chegando até à beira das florestas do Congo.

O EGITO NESSE PERÍODO

O grande evento de importância histórica nesse período foi a consolida-

ção do Estado unificado dos reinos do Norte e do Sul, sob a liderança dos Estados do Sul. Inicialmente, esse poder de Estado consolidou-se com a ajuda da noção da divindade do faraó. Essa idéia permitia que nem um dos grupos se sentisse dominado por um estranho ou estrangeiro. O título do faraó passou a ser Hórus, nome do deus filho de Isis e Osiris.

A imagem de Hórus Narmer em duas poses, usando a coroa branca do sul e também a coroa vermelha do delta, simboliza a unificação dos reinos. O sucessor de Narmer, Hórus Aha, também aparece dessa forma. A lenda diz que Hórus Narmer, ou Menes, fundou a cidade de Mênfis quando represou o Nilo e construiu a fortaleza real no aterro. Mênfis permaneceria como a capital administrativa durante quase toda a história do Egito. Há indícios de que Meryetneith, antes de 2875 a.C., tenha sido a primeira rainha do Egito.

Nesse período inicia-se a construção das pirâmides, uma façanha de conhecimento e de organização humana. O faraó Djoser construiu a pirâmide de Saqqara por volta de 2650 a.C., e cem anos depois disso estava erguida a Grande Pirâmide de Giza, túmulo do faraó Quéops. Essas pirâmides tinham laterais na forma de enormes degraus, no que mais tarde seria conhecido como o estilo nubiano, pois segue o estilo que evoluiu nos reinos de Núbia ao

sul do Egito. O rei Seneferu (2597-2547 a.C.) construiu as primeiras pirâmides de laterais lisos. De acordo com alguns estudiosos, a pirâmide com degraus seria uma metáfora da escada que sobe ao céu, que com laterais lisos passaria a representar os raios do sol. As pirâmides testemunham, também, a noção da unidade das formas de vida no universo.

A construção das pirâmides reflete o desenvolvimento de altos conhecimentos da matemática e da engenharia. Os antigos egípcios dominavam milênios antes o conteúdo de teoremas como o de Pitágoras. Entretanto é a este que o Ocidente se refere, até hoje, como pai da geometria.

O sábio egípcio Imhotep (ca. 2700 a.C.) desenvolvia questões que estão à base da reflexão filosófica: as indagações sobre o espaço, o tempo, a imortalidade, a natureza da vida física e mental e os dilemas da convivência entre os seres humanos. Ele construía conhecimento em outros campos também. Com toda a justiça, podemos considerar Imhotep, anterior aos pré-socráticos em matéria de milênios, como o verdadeiro pai da medicina, da arquitetura, da política e da filosofia.

Os intercâmbios da África com a Ásia, a Europa e a América abrangem milênios, desde a civilização clássica do Egito até os impérios e os complexos urbanos do período medieval.

Há comércio e troca cultural com Elam, Sumer e Pérsia, Índia, China e Ásia oriental, onde se encontram populações negras até hoje.

Na pirâmide de Quéops, encontra-se o modelo de uma embarcação da frota do faraó Seneferu.

Os egípcios viajam até a Irlanda em busca de estanho para fazer o bronze.

A prática da medicina avança, conforme demonstra o papiro Ebers, datado de 2600 a.C.



2700 Imhotep, pai da medicina, simboliza os avanços na teoria e na prática da matemática, da arquitetura e da engenharia.

2800 Dinastias de Fu-Hsi e Shen-nun na China: reinos negros que exibem atributos culturais da civilização egípcia.

2500

Nos próximos blocos, você vai ler informações sobre as conquistas de conhecimento da África e conhecer teses e evidências de seu intercâmbio com o mundo antigo. A ênfase aqui é sobre a civilização clássica africana e seu intercâmbio com a Ásia.



A ÁFRICA VIAJA

Desde seus primórdios, a África tem sido o palco de intensas movimentações, migrações, e trocas comerciais e culturais dentro e fora do continente. Além disso, os povos de pele negra contribuíram à construção da civilização em todo o mundo antigo – Ásia, Europa e América. O historiador inglês John Baldwin afirmou no século XIX:

Hoje se aceita que povos da raça cushita ou etíope foram os primeiros civilizadores e construtores em toda a Ásia Ocidental, e está comprovada a influência de sua civilização na presença de suas línguas e arquitetura aos dois lados do Mediterrâneo, na África oriental e no vale do rio Nilo, como também no Hindustão e nas ilhas do mar Índico.

Nesses tempos muito antigos, a mitologia e a tradição religiosa se confundem com o registro histórico. O mito e a narrativa oral das tradições religiosas refletem a memória dos povos. O registro grafado é perecível e o pouco de material que resta nos oferece uma visão muito parcial e fragmentada. Por isso, os historiadores revisaram o critério de considerar apenas as fontes escritas como fidedignas, e o depoimento oral preservado ao longo do tempo passou a ter valor como fonte de informações sobre o passado.

Assim, as viagens de Osíris pelo mundo e sua missão de levar a civili-

zação a outras terras fazem parte da mais antiga tradição histórico-mitológica considerada como uma das formas de registrar tendências e movimentos históricos. Mítico rei primordial e deus do Egito, Osíris era o mestre da filosofia do Ma'at, teoria da verdade, da justiça e do direito. Além de ensinar aos outros povos do mundo as ciências da agricultura e metalurgia, bem como a arte da civilização, Osíris ensinava a mensagem religiosa e os princípios éticos do Ma'at. Quando Osíris deixou o Egito para cumprir essa missão, Ísis, sua irmã e esposa, reinou soberana com sabedoria, dignidade e verdade. Esse conjunto de referências reflete a expansão da civilização egípcia evidenciada na arqueologia, na lingüística e em outros campos científicos.

SUMER E ELAM

As primeiras civilizações significativas na Ásia Ocidental são as de Sumer e Elam, nações que floresceram no vale dos rios Tigre e Eufrates durante o terceiro milênio antes de Cristo. Essas nações eram formadas, assim como na Índia, por povos de pele negra. Historiadores gregos afirmavam que Sumer surgiu como uma entre várias colônias de Cush, com população e cultura vindas do vale do rio Nilo. Os próprios sumerianos se chamavam de “cabeças pretas”, distinguindo-se dos povos semitas que começavam a adentrar essa

região. Erigiram e fizeram florescer a famosa cidade-estado de Ur, cujo governante Gudea (2142-2122 a.C.) subjuguou grande parte de Elam, inclusive sua capital Susa. Gudea construía templos ao deus Anu e grandes complexos urbanos com pirâmides cujas laterais subiam na forma de escadas, no estilo nubiano.

Primeira cultura avançada da região que hoje compreende o Irã, Elam apresentava semelhanças significativas com as tradições culturais e estruturas políticas e sócio-econômicas do vale do rio Nilo. O caráter matrilinear dessa sociedade está consignado na ascendência da divindade feminina Kirisha ou Pínikir, na forma da sucessão real e na posição de relativa igualdade da mulher (ela assinava documentos, conduzia negócios, representava em juízo, herdava e deixava patrimônios).

Os descendentes de Elam se mantiveram presentes durante a história da região. O Baluquistão, uma área que compreende parte do Irã e parte de Paquistão, ficou conhecido como Gedrosia, o país dos escuros, e em tempos modernos sua população ainda se destaca em relação aos vizinhos. Até hoje essa região se chama Khuzistan, terra de Khuz ou Cush.

ÍNDIA

O escritor grego Heródoto, conhecido como Pai da História, nos conta que “Existem duas grandes nações etíopes,

uma em Sind e outra no Egito”. (Lembre-se, naquela época “etíope” significava africano negro.)

Sind compreende a Índia e o Paquistão de hoje. O historiador e antropólogo indiano Bharatiya Vidya Bhavan afirma que “os povos negros da Índia pré-histórica foram seus primeiros habitantes. Originalmente, parecem ter vindo da África atravessando a Arábia e as costas do Irã e Baluquistão.”

A primeira grande civilização indiana é aquela do vale do rio Indo, com sua capital Harappa. A civilização original de Harappa era agrícola e sua população era negra. Ela floresceu de 2200 a 1700 antes da Era Cristã, e foi conquistada pelos arianos por volta de 1400 a.C., quando tomaram as terras de Paquistão e de toda a Índia do norte. Depois da conquista, os arianos impuseram um sistema de castas. A palavra varna, que em sânscrito significa casta, também quer dizer “cor”. A casta mais baixa se chamava sudra. A degradação do povo conquistado com base na sua identidade sudra foi uma das técnicas de subjugação. O sistema indiano de castas é complexo, mas até hoje os dalits, os chamados intocáveis, sofrem as consequências da exclusão social nesse sistema com conotação nitidamente racial.

O EGITO NESSE PERÍODO

Heródoto descreveu o rei Mique-ri-ri-ri (2493-2475 a.C.) como dono da

melhor reputação de justiça de todos os reis egípcios. Na época do rei Sahure, entre 2464 e 2452 a.C., e de seus sucessores, o Egito continuou mantendo o comércio estrangeiro e protagonizando expedições expansionistas. Os navios egípcios navegavam o Mar Vermelho até Punt, mais de mil quilômetros ao sul. Também nessa época inicia-se a construção de templos do sol.

Pepy I e Pepy II (2343-2196 a.C.) ampliaram o alcance das expedições ao leste até as minas do Sinai e ao interior da África.

Nitokris, a segunda mulher soberana do Egito, reinou por volta de 2160 a.C., no final da 6ª dinastia, um período de instabilidade e conflito interno que introduziu o domínio dos reis de

Tebas. O primeiro deles, Montjuhotpe II (2066-2014 a.C.) reunificou o Egito enfrentando as facções rivais, reinstalou a estabilidade e retomou as expedições ao exterior.

Os filósofos desse período incluem Ptah-hotep, que escreveu tratados éticos sobre o envelhecimento e outros temas, ensinando que a vida consiste de construir a harmonia e a paz em relação à natureza.

O Sábio de Kagemni (2300 a.C.) está entre os primeiros mestres da ética. Seu objetivo era que o ser humano atuasse pelo bem em função do bem e não em busca de vantagem pessoal ou favores de Deus. Ele ensinava a compaixão e o respeito por todas as criaturas vivas.

Abordagens convergentes

Com a comprovação paleontológica da migração de populações de pele negra em períodos muito remotos, é possível interpretar as características comuns entre línguas, culturas e civilizações antigas como tendo evoluído de forma isolada em cada local e não como resultado de contatos e intercâmbios. Entretanto, pesquisadores sérios afirmam que o volume de semelhanças entre essas línguas, culturas e civilizações antigas indica uma origem comum na África. Para esses estudiosos, a quantidade de características específicas em comum é muito maior do que seria possível como mero resultado do acaso. Em qualquer uma das hipóteses, a conclusão é a mesma: os autores dessas línguas, culturas e civilizações antigas são povos de pele negra originários da África. Na tese da evolução local, essa origem africana seria mais remota. Para nós, a credibilidade da hipótese do intercâmbio se sustenta, pois as evidências são extensas e o maior obstáculo é o preconceito eurocentrista que julgava os africanos incapazes de viajar o mundo antigo.

A filosofia da ética, elaborada nos textos de Ptah-hotep (2450 – 2300 a.C.), evoluiu para o Ma'at, teoria da verdade, da justiça e do direito.

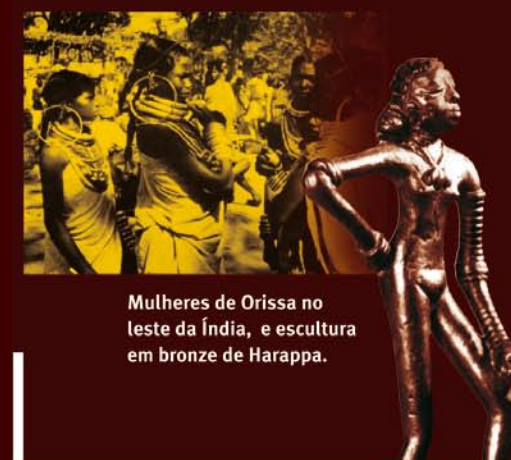
Complexos urbanos sofisticados e templos exibem o conhecimento técnico que ergueu as pirâmides e construiu a Esfinge.

A tradição diz que o deus Osíris saiu do Egito em tempos míticos com a missão de levar a ética e a civilização ao mundo.

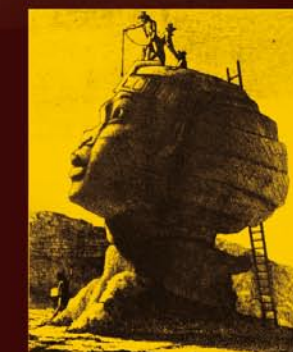
Na Índia, surgem Harappa e Mohenjo Daro no vale do rio Indo (2500 a.C. – 1600 a.C.) estados negros erguidos em complexos urbanos e cujos sistemas de escrita e de engenharia civil, bem como seus atributos culturais, aparentam ser de origem egípcia.

Diagrama de um arquiteto da 3ª Dinastia estabelece o uso de coordenadas retangulares para desenhar uma curva. Os egípcios trabalhavam com ângulos a uma precisão de 0,07°.

A Esfinge encontrada pela missão francesa no século XIX exibe um perfil de aparência banta, africano por excelência. Seu modelo é o faraó Sneferu da IVª Dinastia, que construiu a pirâmide de Giza (2600 a.C.).



Mulheres de Orissa no leste da Índia, e escultura em bronze de Harappa.



2000

Aqui você vai conhecer algumas informações sobre como o mundo antigo evoluía nesse período.



O EGITO CONTINUA CONSTRUINDO

A reunificação do Egito sob Montjuhotpe II coincide com o início da ascensão de Amon, divindade cuja consolidação como deus principal levaria mais alguns séculos. Amenemhat, cujo nome significa “Amon é o principal”, subiu ao trono em 1994 a.C., sob o nome de Amenemes I, iniciando o período chamado Reinado do Meio.

Um desafio principal e constante à unidade do Egito seria a região do Delta, onde se estabeleciam os imigrantes asiáticos. Essas populações semitas viriam a formar focos de disputa do poder em várias ocasiões da história egípcia.

Um período de estabilidade e desenvolvimento se instala durante a 12ª dinastia, sobretudo no reino de Sesotris III (1881-1840 a.C.), que construiu o templo de Karnak e várias obras na cidade de Heliópolis. Também consolidou o domínio do Egito sobre a Núbia ao sul e liderou a expansão territorial e as conquistas militares em direção ao Oriente Médio e ao Ocidente.

Disputas políticas surgiram no Delta e também ao sul, criando uma instabilidade que culminou na invasão e conquista do Norte pelos hyksos, povo semita originário do norte de Síria e do Líbano e de parte do Iraque atuais. Os hyksos dominaram o país durante o período de 1700 a 1550 a.C., no primeiro momento de sua história em

que os egípcios sucumbiram ao domínio estrangeiro. Finalmente, o rei Ahmose I (1549-1524 a.C.) os expulsou e iniciou o chamado Reino Novo.

FILOSOFIA E RELIGIOSIDADE

Entre os pensadores egípcios dessa época estava Merikare, filósofo da comunicação, que escrevia sobre o valor de falar bem e de conduzir com bom senso as relações humanas. Schotepibre, conhecido como “O Lealista”, discorria sobre os valores de uma orientação nacionalista. Amenemhat, filósofo cauteloso, duvidava da lealdade de amigos íntimos e advertia que o líder deve ter cuidado com aqueles que lhe circundam.

Também datam dessa época as lições de Khunanup, oriundas da história de um homem comum que se confronta com o dilema de o quê fazer quando um rico rouba os seus bens. Khunanup desafia o homem rico diante dos magistrados, e eventualmente ele ganha a causa. As lições morais desse conto, sobre a conquista do bem e da justiça sobre o mal e a exploração, continuam muito atuais.

Peça da literatura clássica que instaura essa época, a Profecia de Neferrohu expressa a unidade entre a esfera política e o domínio espiritual. O poeta canta os anseios e as expectativas em relação ao soberano, que deveria superar o caos e cimentar a unidade da

nação. Ao mesmo tempo, ele expõe a concepção africana do universo: a vida é um todo integrado que abrange o natural e o sobrenatural. Os ancestrais e os não nascidos compartilham o espaço humano e estão presentes no tempo dos vivos. Esse conjunto humano interage diariamente com o divino e com as forças da natureza. A vida em sociedade significa a interconexão entre essas esferas. Assim, o caos na sociedade significa a desordem do mundo natural e espiritual. Por isso, o princípio da fé contido na profecia emerge quando o líder restabelece a ordem e a unidade após um período de quebra das normas de convivência e paz:

Eu lhe mostro a terra confusa. Ocorre aquilo que nunca aconteceu. Os homens brandem armas de guerra, e a terra vive a desordem. Os homens fazem flechas de metal, mendigam o pão do sangue, riem um riso doentio. Alguém sentado no canto vira as costas enquanto um homem mata o outro.

Ra [o Deus Sol] se separa da humanidade. Se ele brilha, é durante apenas uma hora. Ninguém sabe quando cai o meio dia, pois a sombra não se distingue.

Eu lhe mostro a terra de pernas para o ar. A província de Heliópolis, nascedouro de cada deus, não está mais na terra.

Então virá um rei, pertencente ao Sul – Ameny, o Triunfante, o seu nome.

É filho de uma mulher da terra de Núbia, nascido no Egito meridional.

Ele tomará a Coroa Branca; ele usará a Coroa Vermelha.

Ele unirá os Dois Poderosos, dará aos Dois Senhores o que desejam.

Regozijem ó povos desse tempo!

O filho de um homem fará o seu nome para sempre:

*Aqueles que cultivam a maldade e a traição
Irão silenciar a sua fala por temor a ele.*

Os asiáticos cairão debaixo de sua espada, e os líbios cairão no seu fogaréu.

Os rebeldes pertencem à sua ira e os traiçoeiros de coração o respeitam. A serpente-uraca que está na sua testa aquietar-lhe os traiçoeiros de coração.

Será erguida a Parede do Soberano – vida, prosperidade, saúde! – e não se permitirá aos asiáticos entrar no Egito a implorar que lhes dêem água para as suas bestas. E a justiça tomará o seu lugar, enquanto o mal será expulso. Regozijem aqueles que puderem ver isso e estar a serviço do rei!

O sábio verterá água para mim, quando testemunha acontecer o que eu falei.

Até hoje, os vivos vertem água para os ancestrais, porque essa concepção do universo – em que a sociedade faz parte integral de um todo que inclui a humanidade viva, os mortos e os não nascidos, em constante interação com o Criador, os deuses e as forças da natureza – continuou prevalecendo na África e na sua diáspora durante toda a história do desenvolvimento de seus povos. A multiplicidade de expressões

dessa visão cósmica engloba as religiões da África Ocidental e as de origem banta que formam o Candomblé e a Umbanda no Brasil, o Voudou do Haiti e a Santería cubana.

POPULAÇÕES E CULTURAS NEGRAS NA ÁSIA

Na história remota da China, a presença de povos autóctones de pele negra está registrada desde entre 50 mil e 10 mil anos atrás. Nas províncias de Szechuã e Kiangs, paleontólogos encontraram restos de um Homo sapiens antigo, que passou a ser denominado Liu Chiang.

Entre os primeiros grandes monarcas da China, como no Egito, haviam as chamadas “dinastias divinas”. Um dos primeiros reis principais era Fu-Hsi (2953-2838 a.C.), descrito como um homem de pele negra e cabelo crespo, que presidiu a fundação das instituições políticas, sociais, religiosas e da escrita que iriam perdurar na China. Shen-Nung (2838-2806 a.C), outro monarca conhecido como homem negro, reinou durante e introdução da agricultura no país. Alguns estudiosos observam o caráter matrilinear nas culturas dessas dinastias, bem como outras semelhanças à antiga civilização egípcia. Segundo esses estudiosos, a mitologia chinesa identifica um povo original da China chamada Ainu, de nariz chato e cabelo crespo.

Os Ainu também aparecem na história japonesa, com destaque para o comandante Sakanouye Tamuramaro, cuja valentia lendária é homenageada com o provérbio: “Para um samurai ter coragem é preciso que tenha sangue negro”.

A prática de uma medicina avançada no Egito acompanha o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento.

Textos de Sinuhe (1990 – 1785 a.C.) e de outros pensadores elaboram os mistérios e o pensamento filosófico egípcio, bases da ciência e da filosofia ocidental.

A dinastia Shang, na China, exibe a presença de líderes negros e atributos aparentemente oriundos da civilização egípcia.



Escultura da Dinastia Shang na China.



1600 O texto do Papiro Smith demonstra o uso de suturas, fitas, hemostase pela cauterização, antisepsia com sais de cobre, e um profundo conhecimento de anatomia.

1500

Aqui continuamos estudando o mundo antigo com ênfase no Egito, mas sem esquecer que no restante da África há migrações e intercâmbio que marcam o seu desenvolvimento.



Akhenaton, ou Amenhotep IV, faraó do Egito ca. 1350 a.C., que presidiu a instalação do monoteísmo e uma

PAZ, PROSPERIDADE E EXPANSÃO DO EGITO

Hatshepsut, primeira e única faraó mulher, sucedeu Amenhotep I, Tutmose I e Tutmose II, todos eles monarcas que haviam se dedicado a expandir as fronteiras do Egito. Hatshepsut se destacou porque se vestia como homem e assumia as funções masculinas do poder e protocolo. Presidiu uma época de paz e prosperidade, também marcada por grandes empreendimentos e por expedições ao exterior. Seu sucessor Tutmose III continuou essa expansão, e o Egito se estabeleceu como a maior potência mundial. Assim permaneceu sob Amenhotep III, que se casou com a rainha Tiye da Núbia. Juntos presidiram uma época de florescimento da cultura no Egito. Construíram o belíssimo templo de Luxor. Seu filho Akhenaten (1360-1343 a.C.) casou-se com Nefertiti, e os dois viveram, com suas filhas, no complexo palaciano e cidade de Amarna. Presidiram um tempo de renascença e inovação nas artes, na arquitetura e na religião. Akhenaten instituiu uma nova religião, o culto a Aten, uma religião mais simples que a tradicional e com ênfase na verdade e na liberdade individual. Mas quando transferiu a capital para Amarna, detonou uma crise política de longa duração.

Tutankhamem (1343-1333 a.C.), provavelmente o filho mais novo de

Akhenaton, ascendeu ao trono ainda garoto, reinando com a irmã Ankhesenpaaten como rainha e com os generais Ay e Horemheb como tutores. O reino dele é marcado por um estilo artístico delicado que combina o melhor do estilo de Amarna com a arte tradicional. Tutankhamen restaurou a religião de Amon, transferiu a residência real de volta a Mênfis e reinstalou Tebas como centro de poder político.

Ramses II e III (1279-1153) expandiram ainda mais o domínio externo do Egito. Prevaleram sobre os hititas, um povo semita, e sobre os chamados “povos do mar”, uma coalizão de povos semitas e de pele branca oriundos do Oriente médio e da Europa mediterrânea, que saqueavam todas as civilizações litorâneas da época.

A FILOSOFIA NO EGITO

Amenhotep, filho de Hapu, viveu por volta de 1400 a.C. e era o mais respeitado dos antigos filósofos egípcios. Considerado o maior mestre do Ma’at – a ética da justiça, da verdade e do direito que formava a base da filosofia egípcia – ele foi o segundo mestre, após Imhotep, a ser deificado.

Duauf, que escrevia por volta de 1340 a.C., era o mestre do protocolo. Ensinava como se deve viver coletivamente numa comunidade de pessoas. Professor de vocação, ele encorajava os jovens a ler e enfatizava a impor-

tância de aprender. Promovia a leitura como a melhor maneira de treinar a mente e revelar os segredos das coisas ocultas.

Amenemope (1290 a.C.) promovia a filosofia das boas maneiras, da etiqueta e do sucesso na condução da vida por meio dos provérbios. Venerava os ancestrais que deixaram o legado de provérbios, transmitindo sua experiência e a sabedoria, e sem os quais a aprendizagem das novas gerações ficaria prejudicada.

MAKEDA E AS RAINHAS MÃES

A Bíblia se refere a Makeda (1005-950 a.C.), Rainha de Sabá, soberana de um reino cuja influência estendia-se do leste da África até à Etiópia, o Sudão, Arábia e regiões da Índia. Além de controlar o comércio riquíssimo da região, de ouro, marfim, ébano, pedras preciosas, óleos e especiarias, Makeda e outras rainhas africanas construíam complexos urbanos e sistemas hidráulicos bem sofisticados.

ELAM

Filho de Titono, governador da Pérsia, Memnon se aliou à Tróia, liderando uma força de dez mil susianos e dez mil etíopes. Escritores romanos o descreveram como sendo preto como o ébano e o homem mais bonito que vivia. Como Aquiles, ele usava armas forjadas por Hefestus.

ELoS ENTRE A ÁFRICA OCIDENTAL E DO NORTE

Na época da seca, muitos africanos migraram entre o Saara e o Sudão. Entre eles estavam os ancestrais dos bérberes, povos miscigenados que mantiveram sua própria língua e escrita. Os bérberes faziam intenso comércio com os povos africanos ao sul, trocando o sal e o cobre pelo ouro e o marfim. Nesse comércio se fundaria, em parte, a base econômica de grandes estados africanos ao sul do Saara, entre eles o império de Gana.

Os bérberes atuavam também no Mediterrâneo, onde vendiam e compravam com os fenícios, e esse comércio integrava o interior da África aos circuitos do mundo antigo.

Nok

Quase um milênio antes da era cristã, no lugar onde se encontram os rios Niger e Benue, surgiu a civilização nok, conhecida pelas suas sofisticadas obras de arte. Com o domínio do ferro, sua rica cultura duraria até o início do terceiro século da Era Cristã.

ÁFRICA CENTRAL E MERIDIONAL

Um grande fenômeno da história africana são as migrações épicas dos povos do grupo lingüístico banto. Esse termo designa uma multiplicidade de grupos humanos que povoaram extensos territórios geográficos durante um longo período de tempo. O processo teve origem

na atual Nigéria e Camarões, onde teria surgido, há milênios, o “banto original” – mãe de centenas de línguas africanas modernas (importante: não se trata de dialetos, e sim de línguas africanas). Os povos que falavam essa língua se espalharam em grupos pequenos rumo ao centro da África, em direção à atual República Democrática do Congo, e também em direção ao leste e depois ao sul. O domínio da tecnologia do ferro teria auxiliado as migrações dando impulso ao desenvolvimento das culturas desses povos. O fenômeno da diáspora banta se prolongaria da bacia do Congo ao sul, sudoeste e sudeste, lentamente deslocando ou absorvendo populações locais.

Esse processo constitui uma das bases das características em comum entre diversas culturas africanas. Mesmo na sua multiplicidade, essas culturas mantêm pontos de coerência e de convergência cuja origem está nas origens compartilhadas. Quando um grupo sai de seu território, ele guarda lembranças e referências, além de tradições manifestas de forma material, que se transformam no processo de deslocamento mas ao mesmo tempo guardam elementos e tendências da matriz original.

Entre os povos originais que resistiram a essa “invasão” banta e continuaram vivendo da caça e coleta estão os san e os khoi-khoi. São as “tribos” cuja aparência ficou estereotipada como a imagem do africano “selvagem” do cinema norte-americano. Cabe lembrar o

alerta do historiador Basil Davidson: de forma nenhuma o suposto primitivismo desses povos implicaria em inferior talento ou inteligência. “O modo de vida social deles, individual e coletivo, com sua força e sua flexibilidade, suas minúcias de limites e equilíbrio, sua nudez simplicidade de forma combinada com tolerância para tensões e erros, não dá lugar para tal idéia.”

A restauração do poder de Núbia, reino negro do sul, renova e revigora a cultura egípcia em algumas ocasiões na sua história.

1486 A faraó-rainha Hatshepsut entra para a história como mulher soberana, detentora do poder civil, militar e político no Egito.

1100 Memnon, o Etíope, conquista a Pérsia.

1000 Makeda, rainha de Sabá, estadista e soberana de um reino forte e avançado na Península Arábica, desenvolve complexos urbanos sofisticados e expande o comércio internacional desenvolvido.

1400 A rainha Tiye, da Núbia, inicia uma fase de renovação da cultura nubiana no Egito ao lado de seu marido Amenhotep III.

1350 Akhenaton e Nefertiti instauram uma era de renascença, renovação e criatividade no Egito.

1000

Aqui você vai conhecer novas dimensões do mundo africano e dos povos de pele negra, com ênfase na sua presença mais que antiga nas Américas.

INSTABILIDADE NO EGITO

Num período de assédio dos assírios e poder dos faraós líbios (948-752 a.C.) as forças de liderança da Núbia, ao sul, se concentraram e se ampliaram até conseguir se estabelecer novamente no Egito. O domínio núbio da 25ª dinastia (762-664), iniciado por Piankhy, chegou a seu auge no reino de Taharqa. Nas artes e na arquitetura, a referência aos estilos sudaneses prevaleceu durante a 26ª dinastia. Depois disso o Egito passou a sucumbir gradativamente às investidas dos assírios e dos persas.

A perda do poder político e militar não implicava no fim da influência do Egito, cuja cultura sustentava as bases da evolução da filosofia no mundo greco-romano da Antigüidade.

NÚBIA

Ao sul do Egito, Núbia – rica em ouro, ébano e cultura humana – abrigava as mais longínquas origens da cultura egípcia. Lá floresceu o império de Cush, com capital em Napata, cujos dirigentes lideraram o Egito na 25ª dinastia. Depois transferiu o centro para Méroe, de onde historiadores afirmam que a tecnologia do ferro se espalhou ao sul e oeste. Entre 300 a.C. e 300 E.C. – um período em que o Egito já se encontrava sob o domínio macedônio e romano – o império meroítico de Cush, onde as mulheres exerciam liderança política e militar, tinha sua própria escrita, cons-

truía grandes centros urbanos, manufaturava metais e se engajava num ativo comércio com países remotos como a Índia e a China.

AXUM

No norte da Etiópia, tem início no quinto século a.C. o Estado de Axum, fruto de intensa interação africana com o sul da Arábia. A rainha de Sabá se aliou ao rei Salomão, sendo seu filho Menelik o mítico fundador da Etiópia. A partir de aproximadamente 50 E.C. o porto de Adulis se tornava um centro mundial de comércio com a Ásia via Oceano Índico. Adulis fazia parte de uma cadeia de portos que subiam o litoral desde a região centro-africana. O rei Ezana de Axum, primeiro monarca convertido ao cristianismo, derrotou Méroe no quarto século E.C. e inaugurou a era cristã etíope. A cultura urbana de Axum deu origem a um dos mais duradouros impérios da história: a Etiópia sucumbiu apenas à invasão da Itália fascista em 1935 e logo em 1941 reinstalou o imperador Haile Selassie no trono.

ÍNDIA

No sexto século a.C. surge uma forte contestação ao sistema de castas. O culto fundado por Sidhartha Gautama, o Buda, nasce e floresce entre as populações de pele negra das regiões central, oriental e sul da Índia. O próprio Buda é negro, como mostram as suas estátu-

as e os seus retratos. Além disso, existe uma série de paralelos entre sua mitologia e a de Osíris e de Hórus no Egito, criando profunda afinidade entre essas figuras.

POPULAÇÕES E CULTURAS NEGRAS NAS AMÉRICAS

Apenas recentemente, ficou comprovado que os primeiros americanos foram populações de pele negra, parecidas fisicamente com os autóctones da África, da Austrália e da Melanésia. Eles chegaram antes que os povos de aparência asiática que a antropologia costuma identificar como os únicos indígenas das Américas. A partir de aproximadamente doze mil anos atrás, essas populações passam a conviver e a se mesclar no continente.

Supunha-se antes que os povos de aparência asiática teriam habitado sozinhos o Continente americano até a chegada das caravelas européias, sem nenhum contato com o restante do mundo.

Entretanto, vários pesquisadores constataram fortes evidências da presença e da influência cultural de povos negros nas Américas e insistiram na tese de contatos entre africanos e indígenas americanos na Antigüidade.

Além de uma riqueza enorme de testemunhos visíveis na cerâmica e escultura pré-colombiana, as evidências surgiam em campos científicos tão

variados como a etnologia, botânica, arqueologia, oceanografia, filologia, história cultural e lingüística. A pesquisa de esqueletos e crânios encontrados em diversos sítios convenceu a Associação Internacional de Americanistas a reconhecer, em 1974, que existiam fatos suficientes para comprovar a presença africana nas Américas antes de Colombo.

As provas incluíam não apenas os restos de pessoas negras, como também um conjunto de semelhanças entre as culturas indígenas e africanas que era complexo e extenso demais para ser atribuído à mera coincidência.

Por exemplo, as técnicas de engenharia e arquitetura das pirâmides egípcias e mexicanas, bem como as relações espaciais e astronômicas nelas representadas, são idênticas em um grau além do que se pode atribuir à sorte. As técnicas de mumificação utilizadas no México, na América do Norte, na Colômbia, e principalmente no Peru são quase idênticas àquelas desenvolvidas no Egito. Essas técnicas envolvem substâncias químicas de fórmulas complexas, dificilmente reproduzidas por acaso de um continente ao outro.

Talvez o testemunho mais eloqüente da presença africana nas Américas em tempos longínquos se encontre nas gigantescas cabeças esculpidas em pedra pelos olmecas, primeiro povo pré-colombiano do México e da América

Central. Localizadas no centro do território sagrado desse povo, as esculturas pesam quarenta toneladas cada uma, feita de um só pedaço de basalto. Elas reproduzem com exatidão o fenômeno dos nuba da África Oriental ao sul do Egito.

As cabeças gigantes aparecem ladeadas por pirâmides em praças cerimoniais. As pirâmides em estilo nubiano, com as laterais em forma de escada, surgem no México sem vestígios de precedentes, enquanto na África levaram séculos para evoluir. Uma série de marcas rituais, simbólicas, artísticas, mitológicas, tecnológicas e arquitetônicas dessas praças cerimoniais se assemelha entre a África e as Américas em detalhes tão específicos que sua identidade ultrapassa as possibilidades da mera coincidência.

O período de elaboração das esculturas olmecas coincide com a 25ª dinastia do Egito, quando reinava soberana no mundo a poderosa marinha mercante e bélica núbia. As cabeças negras do México portam o mesmo elmo usado por marinheiros núbios.

Os egípcios desenvolviam o comércio marítimo há milênios e desde 2600 a.C. eles construía navios de grande porte. Os navios africanos antigos eram tecnicamente superiores às caravelas européias. Feitos de papiro ou de madeira costurada, eles eram flexíveis, capazes de agüentar melhor o impacto das

águas em tempestades. Além disso, movidos a remo e a vela, eles contavam com propulsão nas calmarias. Os africanos desenvolveram técnicas de navegação mais sofisticadas e eficazes para atravessar o Saara, pois os navegadores das caravelas não conheciam a longitude, referência utilizada na Antigüidade por africanos, chineses e árabes.

Estudiosos observam uma identidade de palavras e expressões entre as línguas maia, inca e egípcia que ultrapassa os limites do acaso. Além disso, a tradição oral maia, registrada no livro Popul Vuh, se refere ao “povo negro que veio da nascente do sol”.

As esculturas dos olmecas podem ser vistas como representando eles próprios, já que eles pertencem à matriz das populações de pele negra que primeiro povoaram as Américas. Entretanto, as semelhanças culturais e outras evidências dão suporte à hipótese do intercâmbio. O maior obstáculo à sua credibilidade está na crença ideológica na suposta incapacidade dos africanos antigos de atravessar o mar na qualidade de portadores de valores de civilização.

A tecnologia do ferro impulsiona as migrações dos povos bantos desde o sul da bacia do rio Congo e o desenvolvimento cultural em toda a África.

até 450 O estado de Nok caracteriza-se por alto desenvolvimento das artes.

800 – 500 Cartago, uma cidade-nação de população africana e de origem administrativa fenícia, torna-se autônoma e passa a dominar as metrópoles e as rotas comerciais do litoral norte africano e europeu meridional.

800 – 500 No Egito da 25ª dinastia, a de Shabataka e Taharqa, o poder dos faraós núbios, negros dos reinos do sul, é responsável por uma renascença cultural e pelo fortalecimento da engenharia naval e do poder marítimo que se manifestam em travessia transatlântica.



Moedas de Cartago.

Nok, África ocidental (Nigéria).

700 – 500 O desenvolvimento da ciência grega pré-socrática baseia-se em conhecimentos adquiridos no Egito. A noção posterior de que o conhecimento filosófico e científico ocidental tenha nascido na Grécia não corresponde ao testemunho dos próprios gregos da época.

900 – 500 A presença núbia na América encontra-se esculpida em pedra nos sítios da cultura Olmeca, primeira grande matriz de civilização na América Central.



Taharqa de Núbia, soberano da 25ª dinastia.

Cabeça gigante com olmo típico da marinha Núbia, esculpida em pedra, de San Lorenzo, México.

Ra II, embarcação construída no mais antigo modelo egípcio e pilotada por Thor Heyerdahl, faz a travessia do norte da África até o Caribe em 1967.

500

Até agora, focalizamos as civilizações clássicas africanas. Aqui você vai conhecer algumas informações sobre como o restante da África se desenvolve. Lembre-se sempre que as evidências lingüísticas e históricas indicam que as culturas africanas em geral são herdeiras da civilização clássica egípcia. E, claro, vamos continuar vendo a presença africana no mundo. A saga de Cartago pertence ao período anterior, mas merece ser contada.



CONTINUA A EXPANSÃO DA ÁFRICA

A última pirâmide importante se erigiu em Méroe, no Sudão, por volta de 350 a.C., dois mil anos depois que Djoser levantou a primeira em Saqqara.

As evidências lingüísticas e históricas indicam que as culturas africanas em geral se baseiam na herança da civilização clássica egípcia. Um dos mais importantes fenômenos no desenvolvimento africano é a revolução da tecnologia do ferro. No Egito, há evidências do uso de ferro desde milênios, mas a massificação de sua tecnologia e a sua difusão no restante do continente é o fator que dá ímpeto à concentração de populações e ao desenvolvimento político, econômico, cultural e científico.

Uma das primeiras expressões importantes das artes e da tecnologia na África Ocidental é a civilização nok. Na África central e do sul, surgem outras culturas baseadas na tecnologia do ferro, que se consolidam em Katanga, Zâmbia, Zimbábue e Quênia.

AS RAINHAS MÃES GUERREIRAS

O caráter matrilinear da civilização africana se evidencia na liderança de mulheres soberanas e guerreiras. Um exemplo é Cleópatra. Muito mais que amante de um imperador romano, ela agiu como uma estadista defensora da soberania de seu país contra o maior poder imperialista que o mundo conheceu. Conseguiu manter a independência do Egito du-

rante muito tempo devido à sua competência política e seu poder de barganha e negociação enquanto chefe de Estado.

Outras guerreiras africanas enfrentaram as legiões romanas. Amanirenas, uma das Kentakes ou Candaces de Núbia, atacou os invasores imperialistas em 29 a.C., liderando durante cinco anos uma guerra de defesa nacional. Com um aparato bélico bem superior, os romanos conseguiram destruir várias cidades e chegar até a capital Napata. A rainha não capitulou: atacou as legiões já cansadas de Roma e obteve uma negociação direta com César Augusto. Os romanos acabaram desistindo do tributo que queriam cobrar a Cush.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS E O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA

A história da ciência e da filosofia costuma marcar o seu início a partir do “milagre grego” dos pré-socráticos, como se a reflexão, o pensamento e o conhecimento humanos tivessem início apenas na Grécia. Um relato largamente citado é a visita de Thales de Mileto ao Egito, onde teria calculado a altura de uma pirâmide medindo a sua própria altura em relação ao comprimento de sua sombra e aplicando, em seguida, a mesma proporção ao comprimento da sombra da pirâmide. Esse relato retrata bem a costumeira omissão de milênios de construção do conhecimento no Egito ao tratar a pirâmide como se fosse um



A arte dos povos bantos é rica e fascinante. Esta máscara representando uma figura humana com gorro, oriunda da província de Ufge, Angola. Uma das características da escultura Bakongo é sua representação policromática e expressão profundamente realista. Utilizada em cerimônias rituais da circuncisão, esta máscara tem como função testemunhar a transição dos circuncidados de um estado infantil para o de indivíduos com estatuto socialmente reconhecido.

fato da natureza e não uma construção humana resultado do desenvolvimento de matemática e engenharia aplicadas. No terceiro século a.C., durante o reino de Ptolomeu II, erigiu-se a Biblioteca de Alexandria, depósito de uma coleção de papiros e registros históricos egípcios mais tarde perdidos em incêndios e pilhagens de invasores. A construção do conhecimento no Egito se interligava intimamente à religião e ao sacerdócio, fator que pode ter constrangido a sua di-

namicidade. Mas a atribuição exclusiva da autoria da ciência e do pensamento filosófico aos gregos antigos, excluindo o Egito da história do conhecimento humano, constitui uma das maiores falsificações da história.

CARTAGO

Em meados do século III a.C., localizada na costa do norte da África (hoje região da Tunísia), Cartago disputava com Roma o controle do mar Mediterrâneo. Uma das cidades mais poderosas daquele período, Cartago dispunha de uma extensa e poderosa frota de guerra para proteção das rotas marítimas do comércio que transportava o ouro vindo do Golfo da Guiné e o estanho procedente das costas britânicas. A disputa com Roma levou Cartago a sucessivos conflitos, as chamadas Guerras Púnicas (264-146 a.C.).

Sob o comando de Amílcar e seu genro Asdrúbal, os cartaginenses ocuparam boa parte da Península Ibérica com cerca de 50 mil homens. Em 221 a.C., Aníbal, filho de Amílcar, assumiu o comando das forças militares na Espanha. Ele baseava sua estratégia na invasão e derrota dos romanos em seu próprio território, evitando assim levar a guerra para a África. Aníbal recrutou vários aliados e organizou um exército composto por espanhóis, gauleses e africanos. Sua força militar contava com 40 mil homens na infantaria, 10 mil cavalaria e 50 elefantes. Cruzou o Ebro, dirigiu-se para

os Alpes e chegou à Itália. A passagem pelos Alpes é uma das grandes façanhas da história militar. Agredidos por tribos celtas que jogavam pedras enormes de cima, com a neve e o gelo criando condições perigosas, as tropas e os elefantes escorregavam, caíam e morriam. Mesmo perdendo 20 mil homens e a maioria dos elefantes, Aníbal prosseguiu. O conflito provocou algumas das maiores derrotas que Roma havia sofrido até então. Após uma vitória espetacular em Cernaia, Aníbal foi perdendo território, pouco a pouco, até que os romanos, anos depois, conseguiram atacar Cartago; mas não a destruíram. Assinaram um tratado de paz. Somente mais tarde, em 146 a.C., os romanos conseguiram arrasar a cidade num ataque punitivo.

A saga de Cartago constitui um episódio comvente da história, mas a imagem que prevalece no imaginário popular não retrata seus heróis como africanos. Há uma tendência, na tradição da ideia da África branca ao norte, de identificá-los com o tipo físico dos fenícios. Nas moedas da época, entretanto, a fisionomia e o cabelo de Aníbal trazem o testemunho de sua identidade e aparência negra.

JESUS CRISTO

A figura de Jesus Cristo inspira e mobiliza ao longo de milênios, refletindo as dinâmicas das sociedades. Abdias Nascimento já observou que o semblante

de Cristo “é diferente entre os romanos, os hebreus, os indús, os etíopes, porque cada um desses povos afirma que o Senhor lhe apareceu sob o aspecto que lhe é próprio”. Mas o historiador Josephus, contemporâneo de Cristo, o descreveu de “tez escura”; moedas da época o mostram como mestiço de traços africanos. Pertencia ele a uma população de fala aramaica, mestiça africano-árabe. Em fim, a ideia de um Cristo louro e de olhos azuis, imagem que prevalece no imaginário ocidental, parece ser um equívoco do ponto de vista histórico.

ÍNDIA

A dinastia Nanda do quarto século a.C., de origem sudra, foi a responsável por uma renascença cultural com centro na cidade de Magadha. Seu líder Mahapadma derrotou as forças de Alexandre, o Grande. Outra dinastia negra, a Mauryana, a sucedeu marcada pelo reino do singular monarca budista Ashoka, responsável pela instauração de uma era de paz e obras sociais. Assim, o poder sudra se estendeu durante 150 anos.

Hoje, a população indiana de pele negra continua enorme, contando aproximadamente 600 milhões de dravidianos, descendentes dos “etíopes orientais” da literatura grega. A maioria das divindades cultuadas pelos dravidianos do sul da Índia são deusas-mulheres, fato consistente com a herança civilizatória de origem africana.

Cresce o comércio transsaariano com base no ouro e no sal.

Culturas baseadas na tecnologia do ferro consolidam-se em Katanga, Zâmbia, Zimbábue e Quênia.

Formam-se o reino etíope de Axum e os impérios de Monomotapa e de Gana na África meridional e na ocidental.

O Império de Cartago se consolida e se expande, adentrando a península ibérica e a Europa. Resiste de forma espetacular ao assédio militar dos impérios grego e romano, até sua derrota na segunda Guerra Púnica no ano de 201 a.C.

Na Índia, a herança africana de Harappa e Mohenjo Daro informa a tradição do budismo.

322 Alexandre derrota o Egito e inicia-se a dinastia ptolemaica.

300 a.C. – 325 E.C.
Os reinos de Cush, com sedes em Meroe e Napata, florescem sob a linhagem das rainhas guerreiras Candaces.

78 – 64 A soberana Cleópatra, uma estadista notável, lidera o Egito no confronto e na negociação com as forças do Império Romano.

300 a.C. – 1076 E.C. Reino e Império de Gana, África ocidental.

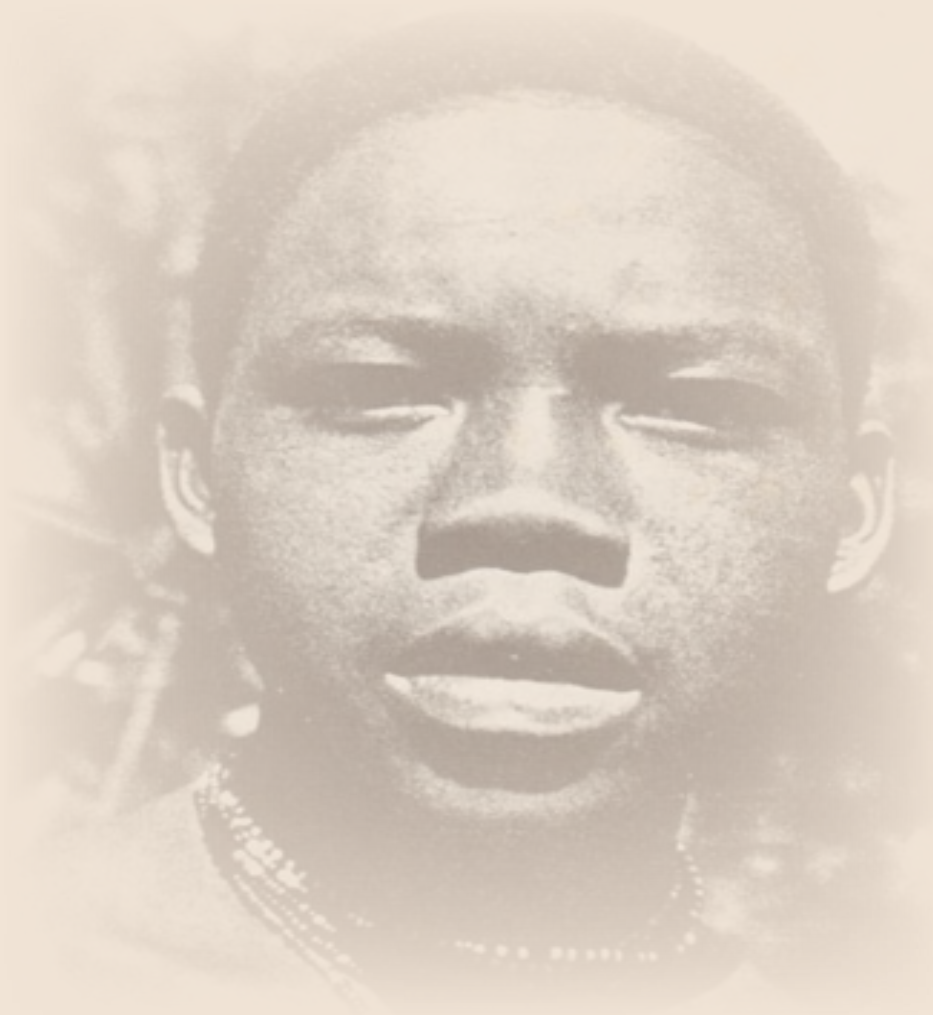
29 Amanirenas, a Candace soberana de Cush, enfrenta as legiões de César Augusto, liderando uma guerra de cinco anos contra o Império Romano. Acima, Cleópatra, em desenho baseado em descrições da época.



Buda da Índia, cerca de 100 a. C.



Aqui vamos considerar o desenvolvimento da África no contexto do uso cada vez mais intenso da tecnologia do ferro. Continua a expansão da presença africana na Ásia, na Europa e nas Américas, com contornos diferenciados de outras épocas.



O DESENVOLVIMENTO DA TECNOLOGIA DO FERRO

Conforme observamos antes, tudo indica que os antigos egípcios conheciam o ferro milênios antes que seu uso se proliferou pelo continente. Outro exemplo do domínio dos africanos no campo da metalurgia antes dessa revolução do ferro é o dos haya, um povo de fala banta que habita a região de Tanzânia perto do lago Vitória. Há 2000 anos atrás, eles produziam aço em fornos que atingiam temperaturas mais elevadas, em 250 graus centígrados, do que eram capazes os fornos europeus do século XIX.

Mas é a massificação da tecnologia do ferro e a sua difusão no restante do continente que dão ímpeto à concentração de populações e o desenvolvimento político, econômico, cultural, e científico.

Uma das primeiras expressões importantes das artes e tecnologia na África ocidental é a civilização nok. No centro e no sul da África surgem culturas baseadas na tecnologia do ferro que se consolidam em Katanga, Zâmbia, Zimbábue e Quênia.

Retrato de um jovem da Malásia, na Ásia contemporânea, mostra a presença até hoje de populações de pele negra na Ásia oriental.

ÍNDIA

Três reinos dravidianos importantes existiram no sul da Índia durante essa época. Pandya tinha sede em Madura, onde se localiza a capela do Tamil Sangam, um conselho de estudiosos que estabelecia os padrões da produção intelectual. Além de Pandya, havia os reinos de Chola e de Chera, sucedido por Pallava. Esses reinos negros do sul da Índia se engajavam em comércio com o Ocidente, enviando embaixadas e Roma e cobrando-lhe grandes somas em tributos alfandegários.

ÁSIA

No sudeste da Ásia, os primeiros reinados emergiram no terceiro século, acumulando riquezas no comércio de coral, minérios e produtos florestais. Numerosa parte da população era da etnia negra austric, também conhecida como mon.

O primeiro desses reinos do sudeste da Ásia se chamava Fou Nan e se localizava na região hoje compreendida por Vietnam e o sul da Camboja. Os viajantes e historiadores chineses descreviam os seus súditos como pequenos e negros. Além das atividades comerciais, Fou Nan se destacava por sistemas sofisticados de canais e obras fluviais para controlar as cheias anuais; isto séculos antes da construção de Veneza na Europa. Chen-La, reinado sucessor de Fou Nan, prosperou até que o comércio com

a Índia sofreu um colapso; seguiu-se um período de instabilidade até que o mais significativo e duradouro desses Estados, um verdadeiro império, se consolidou em Angkor, hoje Camboja.

O ISLÃO

Embora de origem externa ao continente africano, o islão constitui uma matriz de civilização porque sua expansão teve impacto importante sobre a formação e a sustentação de vários estados políticos.

De forma geral, de acordo com muitos historiadores não se trata de uma superposição de elites ou classes dirigentes “árabes” sobre sociedades e populações originais, muito embora a expansão islâmica tenha implicado em violentos conflitos, obrigando à supressão de intensa resistência. As estruturas dos estados islamizados costumavam manter a forma descentralizada característica dos africanos. A expressão “sociedades africanas islamizadas” reflete o fato de que esses povos, suas sociedades e seus estados preservavam a essência de sua identidade africana.

Na maioria dos casos, de acordo com essa interpretação dos fatos históricos, a imposição da religião islâmica era relativa, sobretudo fora dos grandes centros urbanos. As religiões e os costumes nativos continuavam vigentes no meio da população, mesmo quando as lideranças locais ou as elites assumiam,

por vezes de forma bastante simbólica, a religião do prestígio e do poder.

A extensão e a intensidade da influência cultural do islão na África variam. De grosso modo, na África Oriental dos grandes centros urbanos medievais as populações absorveram de forma mais atenuada a prática e os preceitos islâmicos, enquanto em algumas áreas da África Ocidental o Islão implantou-se de uma forma ortodoxa “mais realista que o rei”.

EUROPA

Um fenômeno que merece destaque é a proliferação de Nossas Senhoras negras em toda a extensão da Europa, sendo as mais famosas as de Loretta na Itália; Nuria, na Espanha; e Czestochowa, na Polónia. As imagens dessas madonas negras correspondem a uma prática religiosa que tem sua origem no culto a Ísis, deusa núbica e egípcia da fertilidade, irmã e esposa de Osíris e mãe de Hórus. Existem vestígios desse culto e provas de sua existência na Europa desde muito cedo. O historiador romano Plínio, escrevendo no segundo século depois de Cristo, observa a prática desse culto na Inglaterra e na Alemanha.

Pouco se conhece a existência de três papas africanos, durante os primeiros séculos de existência da igreja católica. O primeiro é Vítor I, décimo quarto papa depois de São Pedro. Assumiu a cadeira papal no ano 189 e

foi o responsável pela fixação da festa da Páscoa no domingo. Miltiades, que assumiu em 311, testemunhou a suspensão da perseguição aos cristãos e a vitória de Constantino. Gelásio I (492-496), autor de vários hinos e ensaios teológicos, ficou conhecido pela sua preocupação com a pobreza. Tanto ele como os outros foram canonizados.

Esses papas são descritos pelos seus contemporâneos como descendentes de africanos. Mas as representações posteriores em livros didáticos e histórias da Igreja os pintam como brancos de clássico perfil romano.

Quando consideramos a relação da África com a Europa do Norte, lembramos que o Estado egípcio constituía o poder marítimo bélico e comercial vigente da Antiguidade. Sua indústria de armas e utensílios feitos de bronze requiritava a utilização do estanho. Desde a XIIIa dinastia, quase dois milênios antes de Cristo, faraós como Senusert I e Tutmosé III mandavam expedições navais até à Europa do norte em busca desse metal. Além disso, africanos de pele negra povoaram inicialmente a Europa em tempos ainda mais longínquos.

Um dos mais destacados historiadores da Escócia, MacRitchie afirma que até o século X três províncias escocesas eram negras. No século XVIII, as ilhas ocidentais de Skye, Jura e Arran ainda abrigavam populações negras. Na Irlanda, o folclore registra os lendários

fomorianos, andarilhos marítimos negros que invadiram a ilha em tempos remotos e tentaram conquistá-la.

Duas deusas cultuadas na religião tradicional irlandesa, Nath e Anu, indicam a prática dos cultos egípcios a Neith e Hathor. Dois morros irlandeses que, pela sua forma física, lembram seios, são conhecidos como os peitos de Anu. Assim, mais uma vez encontramos espalhada no mundo antigo a reminiscência lingüística do Anu-Seti nubiano.

Nas mitologias inglesa, francesa, alemã e escandinava, há referências a homens pretos de pequena estatura e de cabelos crespos. Essas referências são ainda mais explícitas nos escritos dos romanos, que relatam encontros freqüentes com negros africanos. A literatura e a tradição oral dos vikings, dos anglo-saxões, e mesmo dos habitantes da Groenlândia registram contatos com africanos em épocas remotas.

Fornos de aço na Tanzânia atingem temperaturas de mais de 1.800°C., mais alto que os fornos industriais da Inglaterra no séc. XIX.

Continuam soberanas as Candaces de Cush até 325, quando Axum, reino etíope de cultura cristã, derrota Méroe.

Pontos do litoral oriental africano integram-se ao comércio do Oceano Índico e do Mar Vermelho.

A herança africana faz-se presente na Índia e na Europa, onde o culto a Ísis prolifera e deixa um legado de Nossas Senhoras negras, como as de Orant e Kazan, na Rússia; Czestochowa, na Polónia; e Montserrat na Espanha.



Nossa Senhora ornamentada da Rússia.



Papa Vítor I

Jesus Cristo nasce de uma população de tez escura. Conforme mostram moedas da época, sua aparência é a de um mestiço negro.

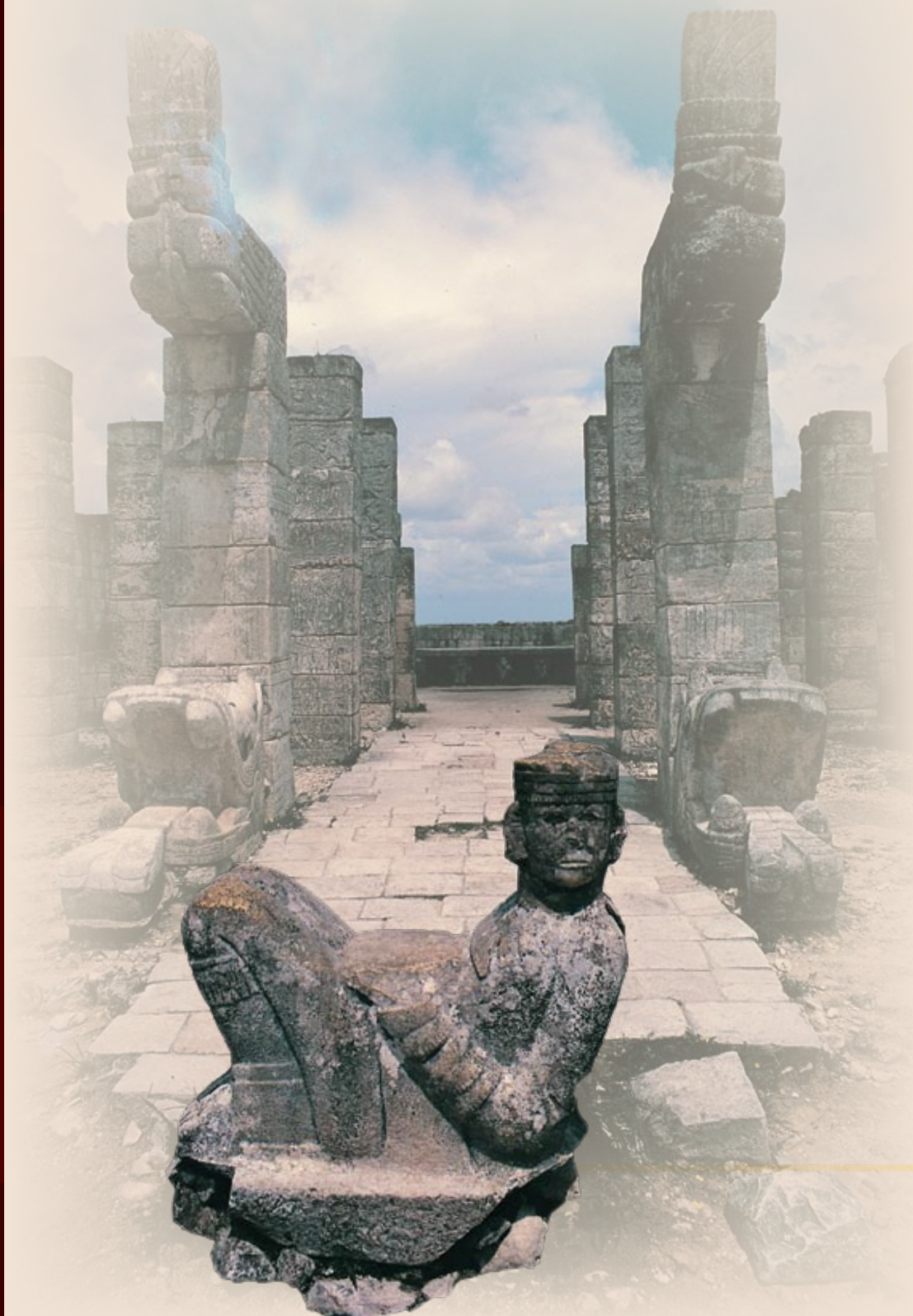
Três papas negros presidem a Igreja Católica: Vítor I (189 – 199), filho de africanos, define a celebração da Páscoa no domingo e convoca a primeira conferência dos bispos; é santificado como mártir. Miltiades (311 – 314) é papa durante o reino de Constantino e o período da rebelião donatista; é canonizado como santo. Gelásio I (492 – 496) reprime a festa da Lupercália, institui a da Purificação, compõe hinos e organiza o Livro da Missa; é canonizado como santo.

A presença e a influência cultural africanas continuam a manifestar-se nas Américas.

Cerâmica pré-colombiana no México testemunha a presença africana.

500

Daqui em diante, vamos assistir uma proliferação e enriquecimento de cultura cada vez mais acelerados na trajetória dos africanos no continente e na sua diáspora.



A EUROPA DOS MOUROS

Entre as mais fortes influências africanas na Europa está a dos mouros, africanos islamizados cujas origens mais remotas estão nos povos Garamante, que habitavam o Saara desde cinco mil anos antes da era cristã e resistiram o domínio dos romanos.

O desenvolvimento da cultura islamizada na África do Norte resultou no florescimento da pesquisa, da ciência, da literatura e do conhecimento ao passo que realizou a expansão do domínio político por meio de jihads conduzidos ao sul na África Ocidental e ao norte na Europa. Após invadir o Egito em 640, os mouros atravessaram até a Espanha

Quetzalcoatl - Deus da Serpente Plumada

Praça cerimonial em Uxmal, na península Yucatán, México, com colunas esculpidas representando Quetzalcoatl, a serpente plumada, e Chac, o deus da chuva dos maias. A mesma serpente plumada é símbolo principal das culturas da África ocidental na região do antigo império de Mali, cujo Imperador Abubakari II embarcou rumo ao Ocidente em 1311. Nesse mesmo ano, de acordo com o calendário maia que registra uma concepção cíclica do tempo em que a serpente plumada retorna em determinados intervalos, Quetzalcoatl aparece como um rei vestido de branco, vindo de onde nasce o sol - uma descrição perfeita de como Abubakari II teria aparecido ao chegar às Américas. O deus Chac é a figura cerimonial que recebe as oferendas a Quetzalcoatl.

sob a liderança do general Gabel Tariq, cujo nome deu origem à palavra Gibraltar. O domínio africano na Europa permaneceu de 711 até 1260, e gerou uma renascença nas artes, ciências e literaturas. A matemática, a arquitetura, a religião, enfim, quase todas as manifestações culturais européias sofreram a influência africana através dos mouros. O centro dessa atividade intelectual era Cairo, no Egito.

O busto do Santo Johannes Morus, esculpido no séc. XIX e hoje exibido num museu alemão, mostra a fisionomia negra do mouro e expressa o respeito e a exaltação à sua figura, frutos de seu desempenho na civilização do continente europeu.

PRESENÇA AFRICANA NAS AMÉRICAS

A cerâmica pré-colombiana está repleta de rostos de africanos. Aparecem

na arte dos períodos pré-clássico e clássico de vários povos indígenas da América Central e do Sul homens negros e mulheres e negras portando adereços, penteados, estilos de barbas e outros detalhes nitidamente parecidos aos estilos africanos. São retratos altamente sofisticados e minuciosos, imortalizados na finíssima escultura indígena da época.

As civilizações dos maias, dos toltecas e dos astecas erigiam templos e complexos cerimoniais dominados por pirâmides como a de Chitzén Itzá, símbolo da conquista dos maias pelos toltecas. As pirâmides apresentam o estilo nubiano, com os laterais na forma de escadarias.

O culto ao deus Quetzalcoatl, a serpente plumada, coincide com o do pássaro-serpente da África Ocidental de uma forma tão abrangente e detalhada que dificilmente seria fruto de mero acaso. Esse complexo de identidade cultural indica a presença de africanos nas

O que significa diáspora?

O conceito básico de diáspora é o de espalhar um povo e sua cultura para outros cantos do mundo. Como temos testemunhado, os africanos se espalharam pelo mundo e deixaram as marcas de sua cultura e civilização desde os tempos primordiais.

Como o conceito foi aplicado largamente à experiência judaica, a idéia de diáspora parece se referir às migrações forçadas. Mas no caso africano podemos considerar que a sua diáspora acontece também em condições de soberania e liberdade.

Américas e o intercâmbio de influências em tempos pré-colombianos.

PRESENÇA AFRICANA NA ÁSIA

Continua a influência do budismo no sudeste da Ásia, onde o fenótipo da população se identifica com a imagem do Buda retratada nas esculturas.

Chega ao auge uma série de reinos em Angkor, onde sistemas sofisticados de irrigação envolvendo canais e represas sustentam complexos urbanos e religiosos como Angkor Wat, Angkor Thom e Banyon. Durante mais de 640 anos, sucessivos governantes deixaram suas marcas erigindo gigantescos templos sobre ilhas e lagos artificiais.



Buda da Tailândia, século 7, esculpido em pedra, com traços e cabelo africanos.



Buda da Tailândia esculpido em pedra, com traços e cabelo africanos.

Um exemplo do conhecimento negro africano

Um exemplo impressionante do conhecimento que marca a experiência africana é o saber astronômico dos africanos da nação dogon, de Mali, perto da antiga capital universitária de Timbuktu. Com uma concepção moderna e um saber extremamente complexo do universo, os dogon conheciam, cinco a sete séculos atrás, o sistema solar, a sua estrutura espiral da Via Láctea, as luas de Júpiter, e os anéis de Saturno. Diziam que um bilhão de mundos espiralava no espaço como a circulação do sangue no corpo de Deus. Sabiam eles da natureza deserta e infecunda da lua, que diziam ser seca e morta, como sangue seco.

Muito antes que o ocidente conseguisse observá-lo com a ajuda de sofisticados aparelhos, os dogon conheciam detalhadamente o pequenino satélite B da estrela Sírio invisível a olho nu. Chamavam-no de Po Tolo, e desenhavam, com exata precisão, a sua órbita em torno de Sírio. Projetaram corretamente a sua trajetória até o ano de 1990, em desenhos que conferem com o curso projetado pela astronomia moderna. Conhecedores de oitenta e seis elementos fundamentais, os dogon sabiam identificar as propriedades do metal que compõe o satélite B da estrela Sírio, que chamavam de *sagala* – um metal tão denso que sua massa é muitas vezes maior que seu tamanho indica. Para os dogon, este satélite é o ovo do universo e a mais importante estrela do céu.

Além de todo esse conhecimento, os dogon sabiam que Sírio B gira uma vez em torno de seu próprio eixo no período de um ano, evento celebrado por eles com o festival chamado *bado*. Até a década de 70, esta rotação ainda não havia sido observada pelos astrônomos ocidentais. A ciência ocidental confirmou, no entanto, o ciclo de 50 anos que os dogon constataram para sua órbita em volta de Sírio. Enfim, nas palavras de um cientista ocidental, os dogon conheciam fatos supostamente impossíveis de constatar sem o apoio de qualquer instrumento da ciência moderna.

A arquitetura e a escultura da América registram a presença dos africanos e seu legado cultural.

Emergem os estados da Núbia copta e cristã, com capitais em Oustul, Dongola e Soba.

A cultura Suaili islamizada emerge no litoral oriental da África e segue seu processo de urbanização.

Reinos de feia banta no Katanga produzem e comercializam o cobre.

A presença africana na Europa é testemunhada em brasões de famílias da Grã-Bretanha, Normandia e outros países. Na Escócia, antes do séc. X, havia três províncias com população negra.

Na Ásia, populações negras cultuam suas tradições que exibem influência africana.

600 – 1300 Kanem Bornu, reino e império que abrange a região do Nilo até a Nigéria, tem seu centro na cidade de Jebel Uri, complexo urbano de grande dimensão, e mantém comércio com Istambul, Trípoli e Cairo.

1000 Destaca-se o reino da soberana Falasha Judith, da Abissínia.



Brasão de família inglesa.



Líder e guerreiro mouro. Busto do santo Johannes Morus, Alemanha.



650 – 1350 Os mouros, africanos negros islamizados, levam os numerais árabes, a luz do conhecimento e a prática da ciência à Europa. Os centros de estudo e pesquisa são Cairo, Alexandria, Trípoli e Córdoba. No mesmo período institui-se o sistema árabe de tráfico escravista, o primeiro que elege como alvo um grupo racial, isto é, um grupo socialmente definido com base em fenótipo e origem histórico-cultural: os negros africanos.

Angkor Wat, Camboja.

1000

Aqui você vai assistir o crescimento do poder político na África, com estados e impérios que criaram grandes centros de conhecimento e estudo.

OS ESTADOS E IMPÉRIOS AFRICANOS

Outro exemplo de tecnologia aplicada na África antiga encontra-se nas ruínas da cidade-estado e fortaleza localizada no antigo reino, hoje país, Zimbábue. Essa cidade era capital de um império cujo domínio durou trezentos anos. Sua economia se baseava na produção de ouro e no comércio. Na língua Xona Zimbábue significa “edifício em pedra”. A cidade de dez mil habitantes. Seu muro mede 250 metros de extensão e contém 15 mil toneladas de granito, com dois metros de espessura. Cada metro de sua extensão contém 4.500 blocos de granito. Uma característica inusitada da engenharia desse complexo monumental se assemelha àquela dos sítios históricos do Peru como Macchu Picchu e Cuzco: as pedras são colocadas uma em cima da outra, sem cimento e sem frestas.

No esforço de negar que o Grande Zimbábue fosse construído por negros, historiadores e estudiosos atribuíram sua construção à intervenção de europeus ou de outros exógenos à África, até mesmo à ação de extraterrestres.

Ao norte do Grande Zimbábue ficava Monomotapa, um dos Estados que surgiram a partir de 1000 E.C. entre os povos de fala Xona descendentes dos agricultores e criadores de gado bantos que migraram para a área a partir de 200 a.C. com seus utensílios de ferro,

deslocando os khoi khoi. Os estados Xona surgiam a partir da monopolização do comércio com os árabes do litoral oriental (Quíloa, Sofola, Mombaça e Penha). No século XIV a disputa do comércio de ouro e de marfim resultou na criação de diversos impérios, o primeiro deles o Grande Zimbábue. O conjunto compunha uma confederação sustentada por tributos cobrados dos seus membros. Os Xona tinham na terra um bem sagrado, propriedade de todos sob a administração temporária dos chefes e dos conselhos dos mais velhos, característica comum a Estados africanos em diversas regiões do Continente.

MALI

O império de Mali surgiu na mesma região onde o antigo império de Gana floresceu entre 400 e 1076. O líder Sundiata Keita conquistou o controle das minas de ouro e do comércio trans-saariano a partir de 1230, assim consolidando a base de seu poder político. O imperador Mansa Musa I expandiu o território e a riqueza do império e incentivou sua islamização. Como outros Estados políticos na África, Mali tinha na descentralização uma característica e prática política que contrastava nitidamente com o centralismo do Império Romano. Os sistemas políticos desses Estados têm sido categorizados como “feudais”, um equívoco derivado da aplicação de critérios próprios à Euro-



A peça esculpida em madeira é de origem Cokwe. Denominado “O Pensador”, ela tornou-se o símbolo da cultura angolana. Representa a figura de um ancião, que pode ser uma mulher ou um homem. Na tradição africana, os idosos ocupam um estatuto privilegiado como portadores da sabedoria e da experiência de longos anos e como conhecedores dos segredos da vida. Ana Maria de Oliveira, então Ministra de Cultura da República Popular de Angola, comentou em 1991: “A dinâmica emprestada a esta peça reflete o alto conhecimento e intenção estética do seu autor (anônimo). Ele foi capaz de lhe conferir o equilíbrio do gesto calmo, tranqüilo, sereno e a harmonia da mensagem mais ou menos enfatizada na utilização dos espaços abertos e fechados, de tal maneira humanizada, que acreditamos por isso estar em presença de uma das mais belas obras de arte jamais concebidas”.

pa como se fossem universais. Como falar de um sistema feudal sem feudo? O princípio da propriedade individual da terra não existia na África, sendo a terra um bem coletivo.

SONGAI

Já no século VII existia uma entidade política conhecida como Songai à beira do rio Niger. No século XIII ela fazia parte do império de Mali, mas em 1335 o povo Songai rompeu com Mali e iniciou a conquista da região com um exército e uma cavalaria bem preparados. A riqueza de Songai, a exemplo dos reinos e impérios anteriores, provinha do comércio trans-saarana de sal e de ouro, cujo fluxo passava em grande parte pelas metrópoles de Gao, Jenné e Timbuktu.

O rei e comandante militar Suni Ali (1462-1492) derrotou os exércitos dos mossi ao sul e dos tuareg ao norte. Seu sucessor Muhammad I Askia expandiu o império até as fronteiras de Kanem-Bornu e dos estados Haussa ao leste e o rio Senegal ao oeste, incluindo a região de Tegaza no deserto ao norte. A capital do último Estado mercantil-tributário do Sudão Ocidental se localizava em Gao.

OS AFRICANOS NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

Os estudiosos da possibilidade de contatos entre a África e as Américas pré-colombianas identificam dois períodos principais desse contato. O primeiro, como já

observamos, seria o da 25ª dinastia, por volta de 760 a.C., quando surgem as cabeças esculpidas pelos olmecas.

O segundo contato seria na época do príncipe Abu Bakari, imperador de Mali cuja história é contada por historiadores muçulmanos que eram seus contemporâneos. Imperador de um reino que não tinha saído para o mar, Abu Bakari cultivava um intenso fascínio pelo mar. Mandou construir frotas e lançou expedições ao Atlântico. Em 1311, o próprio Abu Bakari embarcou pelos “rios dentro do mar”, como os africanos se referiam às correntezas que levam diretamente ao continente americano, e nunca mais foi visto. De acordo com o Popul Vuh, livro que registra a tradição oral do povo indígena maia, no México, foi exatamente nesse tempo que lhes apareceu um “príncipe trajando branco vindo de onde nasce o sol”. O mito maia de Quetzalcoatl, a serpente emplumada, e os costumes, ritos, símbolos, e vocábulos a ele associados, formam um conjunto cultural de coincidência com a africana demasiadamente ampla e perfeita, nos mínimos detalhes, para se atribuí-la à sorte.

Os primeiros espanhóis que visitaram o istmo de Panamá e o México no início do século XVI, entre eles o historiador Pedro, o Mártir, registraram a existência de povos negros que viviam nas florestas e se engajavam num comércio e numa relação às vezes conturbada com os índios ao redor. O fato não lhes causava a

estranheza que hoje produz em função da construção da imagem da caravela como a primeira embarcação oceânica e do africano atrasado incapaz de navegar os mares. Os europeus quinhentistas conheciam bem o africano navegador. O próprio Colombo havia viajado na África, e seu irmão, um comerciante de jóias, lhe trazia notícias de clientes africanos acostumados a viajar o mar. Tudo indica que fontes africanas tenham fornecido as informações em que Colombo e o rei de Portugal se basearam para propor à Espanha a Linha de Tordesilhas como divisória de um continente de cuja existência ninguém tinha certeza ao assinar aquele tratado.

Colombo foi detido por uma tempestade no porto de Lisboa após sua segunda viagem às Américas e quando ainda estava a serviço da Espanha. O rei de Portugal o convocou à corte, e Colombo apresentou-lhe índios que viajaram com ele, bem como várias peças de gua-nin, nome das pontas de lança que os nativos diziam ter comprado de “homens altos e escuros que chegam de onde nasce o sol”. Essas pontas de lança eram feitas de uma liga metálica muito específica, fundida e utilizada na África ocidental. O nome dessa liga, em mandinga, era gua-nin.

Estes são apenas alguns dos fatos que indicam, numa riqueza enorme de detalhes, a possibilidade de contatos entre a África e a América antigas.



100 a.C. – 1500 E.C.
Monomotapa, Zimbábue, constrói complexos urbanos cuja majestade os torna únicos no mundo. A capital murada abrigava mais de 100 mil habitantes.

100 – 1450 O Império de Mali, no seu auge, tem extensão territorial maior que o Império Romano. Sundiata (1230 – 1250) consolida seu poder com sólida estrutura política e jurídica e um desempenho militar inigualável.

900 – 1450 Comércio marítimo árabe-africano mantém contato com Ásia, Europa e América

1200 – 1450 Complexos urbanos sofisticados na África oriental: Quíloa, Sofola, Mombaça, Pemba. Os africanos islamizados viajavam os mares e, em navios mtepe – mais avançados que a caravela ibérica – embarcavam girafas e elefantes para a Índia e a China.

Cabeça do período clássico dos Mochica, Peru.

1311 Abu Bakari, imperador de Mali, constrói uma frota e embarca rumo ao oeste, seguindo as correntezas que os africanos chamam de rios no mar. Na mitologia do calendário maia, chega de onde nasce o sol o Quetzalcoatl vestido de branco. O legado cultural africano inscreve-se na arte pré-colombiana.

1310 – 1491 Exploradores marítimos mandingos continuam a saga de Abu Bakari, fazendo mais de 50 viagens ao Caribe e à América Central e do Sul.

1492 Pedro Alonso Nino viaja como piloto e navegador de Colombo.

1464 – 1591 O Império de Songhai é um centro internacional de desenvolvimento intelectual e produção de conhecimentos, com bibliotecas e universidades como as de Sankore, Gao, Jenne e Timbuktu.

1513 Nuno de Olano e mais 29 africanos acompanham Vasco Nuñez de Balboa quando atravessa o Panamá. Dezenas de grupos de africanos viajam, em liberdade, participando das expedições às Américas.

1500

Aqui você vai ver que os africanos construíram sua liberdade no período da escravidão e colonização, que é muito curto. Você já havia pensado nisso? Esse período corresponde a menos de 8% dos seis mil anos da história africana! Ou seja, os africanos viveram 92% de sua história exercendo sua soberania e contribuindo para a construção da civilização e do desenvolvimento em todo o mundo!

O DESENVOLVIMENTO AFRICANO: UM PROCESSO INTERROMPIDO

O processo de desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia, embora interrompido pela força da intervenção escravista e colonialista, continuou se manifestando. No final do século XIX um cirurgião inglês chamado Felkin visitava em a região africana que hoje compreende Uganda. O médico testemunhou e registrou uma cesariana feita por médicos do povo banyoro. Num artigo publicado em revista científica, Felkin relatou como os cirurgiões supostamente “selvagens” demonstravam profundo conhecimento dos conceitos e das técnicas de assepsia, anestesia, hemostasia e cauterização, entre outros.

Aspectos do conhecimento tecnológico africano fizeram-se sentir nas novas terras onde os africanos foram levados escravizados. No Brasil, por exemplo, muitas técnicas de agricultura, mineração e metalurgia utilizadas para construir o país foram introduzidas pelos africanos.

As religiões de origem africana preservam uma matriz da visão cósmica, do pensamento e da prática religiosa dos africanos em todas as Américas.

RESISTÊNCIA AFRICANA: UM PANORAMA MUNDIAL

Os quilombos existiam em todas as Américas. Em espanhol se chamavam cimarrones, palenques e cumbes. Esse

fenômeno era contrapartida diaspórica de uma luta sem tréguas que atravessou a África durante todo o período escravista e colonial. Um dos seus símbolos é a rainha N’Zinga, soberana do reino Ndongo e Matamba, que enfrentou o poderio militar dos portugueses e dos holandeses. Ao mesmo tempo em que a rainha N’Zinga empreendia sua guerra libertadora em Angola, a República de Palmares resistia aos portugueses e holandeses no Brasil.

Palmares, uma comunidade de vários quilombos unidos, fincou pé contra a agressão colonial durante um século (de 1565 até 1695). Sua estratégia militar era tão eficaz que os europeus foram obrigados a firmar um acordo de paz. Sua organização social, agrária, política e econômica representava um exemplo da continuidade cultural africana no Novo Mundo.

Homens e mulheres lideravam ofensivas militares empreendidas na África, em todo o continente. Entre as mulheres estão: Madame Tinubu da Nigéria; Nandi, mãe de Chaka, o grande guerreiro zulu; Kaiphire, do povo Herero da Namíbia; e o exército feminino que seguiu o rei do Daomé, Behanzin Bowelle. A luta quilombista nas Américas contou com mulheres como Dandara, em Palmares, e Nanny, a guerreira lendária da Jamaica.

No Caribe houve uma série interminável de revoltas e rebeliões. Entre as

mais famosas são a revolução Berbice de 1763, no Surinam holandês, liderada por Kofi. Na Jamaica, em 1655, o Capitão Kojo deflagrou uma guerra aberta, a Guerra dos Maroons (palavra inglesa derivada de cimarrón), que durou mais de dez anos. Os ingleses foram obrigados a assinar um tratado de paz.

UM SÉCULO DE COMBATE

No século XIX, os quilombos e as revoltas nas Américas traçam um paralelo perfeito com as lutas dos africanos no continente.

Os asante resistiram à incursão inglesa no interior da Costa do Ouro (hoje Gana) em onze guerras que duraram cem anos. Os asante ganharam todas elas, menos a última. Os Fanti, por outro lado, redigiam petições e documentos. Os fanti, por outro lado, redigiam petições e documentos. A constituição Fanti, redigida em conferências realizadas entre 1865 e 1871, era uma petição para a futura independência de Gana.

Os ingleses exilaram o rei Prempeh dos asante em 1896, e assim provocaram duas campanhas de resistência: uma política, levada à Europa por Casely Hayford, e outra simultânea em que a rainha Yaa Asantewaa conduzia a guerra de resistência na terra natal. Os dois esforços combatiam a tentativa de confiscar o sagrado banco de ouro, símbolo da soberania dos asante.

Durante o mesmo período, desta-

cam-se as Guerras dos Zulus, na África do Sul, e as Guerras Islâmicas, ou mahdi, no Sudão. Behanzin Hossu Bowelle, do Daomé, e Samory Touré, da Guiné, foram dois gênios militares da África Ocidental francesa. O rei guerreiro zulu, Chaka, liderou uma guerra em que toda a África austral combatia a pilhagem européia. Quando morreu em 1828, ele estava vencendo essa guerra, que prosseguiu sob o comando dos reis dos Basutos, dos Bamangwato e de outros povos.

No Brasil, o século XIX testemunhou uma série de revoltas como as que os Malês protagonizaram na Bahia entre 1807 e 1844. Em 1839, Manuel Balaio dirigiu a famosa revolução no Maranhão, junto com o Preto Cosme, que desencadeou uma campanha guerrilheira envolvendo 3.000 quilombistas e a colaboração de outras forças políticas. No Recife, em 1824, Emiliano Mandacaru e sua unidade militar demonstraram sua solidariedade para com a vitoriosa revolução do Haiti: “Qual eu imito Cristóvão/ Esse imortal haitiano/ Eia! Imitar seu povo/ Ó meu povo soberano!”.

Em Alagoas, os quilombos lançaram um movimento chamado Cabano, resistindo desde 1833 até 1841. Isidoro o Mártir, de Minas Gerais, morreu na luta em 1809, como também Constantino do Ceará em 1839.

Faustino do Nascimento, “O Dragão do Mar”, encabeçou uma greve dos esti-

vadores de Fortaleza. Eles se recusaram a trabalhar nos navios que carregavam escravos. Essa greve foi um fator decisivo para a primeira abolição da escravatura ocorrida no país, a do Estado do Ceará, e assim contribuiu para a intensificação da luta pela abolição em todo o país.

Nos Estados Unidos, a Estrada de Ferro Clandestina conduziu milhares de escravos à liberdade. Nat Turner, Denmark Vesey, Gabriel Prosser e John Brown lideraram rebeliões armadas. Sojourner Truth e Harriet Tubman, ambas ex-escravas, dedicaram suas vidas à luta pela libertação do seu povo.

A esses combates se juntaram os pan-africanistas lutando na arena política, a exemplo de Frederick Douglass, Martin R. Delany, Edward Wilmot Blyden e Henry McNeil Turner, entre outros.

O conjunto dessas lutas contra a escravatura impôs um enorme desafio ao sistema colonial, abalando seriamente as estruturas econômicas de sua sustentação. Mas teóricos da revolução contemporâneos desses movimentos, como Friedrich Engels e Karl Marx, não os levaram em consideração ao pensar seus modelos de luta de classe. Até muito recentemente, historiadores de tendência esquerdista deram pouca atenção a esse fenômeno, e ainda relutam em reconhecer sua dimensão revolucionária.

O SÉCULO DA LINHA DE COR

O sociólogo e ativista pan-africano

William Edward Burghardt (W. E. B.) Du Bois anunciou no início do século XX que a grande questão dos próximos cem anos seria a linha de cor. Efetivamente as lutas pela descolonização da África, da Ásia e do Caribe, bem como os movimentos da Nêgritude e do pan-africanismo, caracterizaram o século XX ao lado das lutas dos povos indígenas em todos os continentes. A conquista da independência dos países africanos e a derrota do sistema segregacionista Apartheid na África meridional só se completaram em 1990 com a independência da Namíbia e em 1994 com as eleições na África do Sul que conduziram Nelson Mandela ao poder.

No limiar do novo milênio, os afrodescendentes em todas as Américas protagonizaram um fenômeno histórico quando se organizaram para combater o racismo em um movimento que acompanhava e se solidarizava com os povos indígenas. A 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e todas as Formas de Intolerância, evento promovido pela Organização das Nações Unidas, ensejou essa mobilização dos movimentos sociais das Américas, reunidos em Santiago no ano 2000 e que se manifestaram em conjunto no processo organizativo da Conferência de Durban em 2001. O novo milênio se iniciou com a reafirmação da identidade e do empenho desses povos na luta contra a discriminação racial.



1499 Grupo de africanos chega numa expedição marítima e, em pouco tempo, transforma-se na liderança local de uma província do Equador.

Porta da viagem sem volta. Maison des Esclaves, Ilha de Gorée, Senegal, de onde foram embarcados muitos africanos para as Américas. O sistema de escravidão mercantil européia elege como alvo o grupo racial africano, definido socialmente com base em fenótipo e origem histórico-cultural. O colonialismo europeu constrói novas formas e ferramentas de hegemonia a partir das doutrinas pseudo-científicas do supremacismo branco.

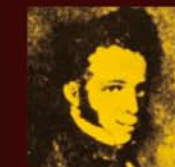


1582 – 1663 N'Zinga, rainha de Angola, lidera sua nação na resistência contra os portugueses.

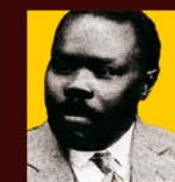
1595 – 1696 A República de Palmares e quilombos, cumbes, palenques e cimarrones: resistência e construção da vida em liberdade na diáspora americana durante todo o processo escravista.



1800 Charlotte Sophia, bisavó de George VI da Inglaterra. Alexandre Dumas, autor de *Os Três Mosqueteiros*. Alexander Serevitch Pushkin, pai da literatura russa.



1900 – 1929 W. E. B. Du Bois lidera os primeiros Congressos Pan-Africanos, a partir da Conferência organizada por Sylvester Williams, em 1900.



1905 Marcus Garvey lidera um movimento pan-africano de massas sob o lema “A África para os africanos, em casa e no exterior”.



1804 Sob a liderança de Henri-Cristophe, Dessalines e Toussant Louverture, o Haiti torna-se o primeiro país independente das Américas, prevalecendo contra as forças de Napoleão Bonaparte.

1805 Guerra de 100 anos dos Asante contra as forças britânicas. Sob a liderança de figuras como Samory Touré e Chaka, a resistência ao colonialismo é brava em todas as partes da África.

1885 Na Conferência de Berlim, as potências européias balcanizam o continente africano, dividindo-o entre si.

1900 A rainha-mãe Yaa Asantewaa lidera os Asante contra as forças colonialistas inglesas.

1930 Leon Damas, Aimé Césaire e Léopold Senghor criam o movimento da Nêgritude, de resistência ao colonialismo e de valorização da cultura africana.

1930 – 1974 Kwame Nkrumah, George Padmore, C. L. R. James, Jomo Kenyatta, W. E. B. Du Bois, Nnamdi Azikiwe e outros lideram o movimento Pan-Africano rumo à independência.

1957 – 1990 Independência dos países africanos. O primeiro é Gana, sob a liderança pan-africanista de Kwame Nkrumah. O último é a Namíbia.

1994 Nelson Mandela é eleito presidente da África do Sul.

2001 3ª Conferência Mundial Contra o Racismo, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância.



ADINKRA, SABEDORIA EM SÍMBOLOS AFRICANOS

A Linha do Tempo dos Povos Africanos e este Suplemento Didático fazem parte de um conjunto de realizações do Ipeafro sob a chancela geral Sankofa: palavra em tuí, língua que pertence ao grupo lingüístico dos povos acã da África Ocidental, significa a sabedoria de conhecer o passado para melhor construir o presente e o futuro. Símbolo ideográfico, o conceito Sankofa passou a representar a busca dos africanos por suas próprias referências históricas e epistemológicas e pela valorização de sua cultura que o processo colonialista tentou desprezar e destruir.

O ideograma Sankofa pertence a um conjunto de símbolos gráficos de origem acã, chamado Adinkra. Cada ideograma é um adinkra e tem um significado complexo, representado por meio de ditames ou fábulas que expressam reflexões filosóficas. Segundo texto publicado pelo Centro Nacional de Cultura localizado em Kumasi, capital do povo asante, o ideograma Sankofa significa “voltar e apanhar de novo”, aprender do passado, construir sobre as fundações do passado: “Em outras palavras, volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana”.

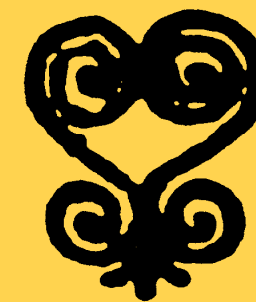
Tradicionalmente, os adinkra são estampados com tinta vegetal em tecido de algodão. Adinkra significa adeus, e este tecido é usado em ocasiões fúnebres ou festivais de homenagem para despedir-se do falecido. O adinkra já se tornou uma arte nacional em Gana, somando mais de noventa símbolos destacados pelo conteúdo que trazem seus ideogramas. Conforme o mesmo texto do Centro Nacional de Cultura de Kumasi: “Não só os desenhos dos adinkra são esteticamente e idiomáticamente tradi-

cionais, como, mais importante, incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais do povo de Gana”.

O SIMBOLISMO DO ADINKRA

O sistema de símbolos e os conceitos transmitidos na tradição acã se expressam nos ideogramas adinkra grafados e também em objetos como o gwa (banco real); o bastão do lingüista do rei, uma espécie de porta-voz ou embaixador de Estado; e os djayobwe, “pesos de ouro” dos acã.

(Os desenhos dos adinkra, gwa e bastões apresentados a seguir, e a explicação de seus significados, são reproduzidos dos quadros organizados pelo Dr. E. Ablade G/over da Universidade Ganense de Ciência e Tecnologia, Kumasi, publicados pela G/o Art Gallery e distribuídos pelo Centro Nacional de Cultura em Kumasi, Gana).



Sankofa

“Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás: Sempre podemos retificar os nossos erros. O ideograma parece originar-se de uma estilização do pássaro, que vira a cabeça para trás, representação do mesmo conceito no banco do rei e no bastão do lingüista.



Gye Nyame

Talvez o mais conhecido entre os ideogramas do adinkra, este significa “aceite Deus” ou “Deus é onipotente e imortal”.



Obi nka obi (não mordam um ao outro).

Evite os conflitos. Símbolo de unidade.



Owuo atwedie baako nfo (obiara bewu).

Todos nós subiremos a escada da morte. Ver o respectivo gwa no quadro a seguir.



Owo foro adoQe

A cobra sobe a palmeira.' Tentando fazer algo inusitado ou o impossível. Ver respectivo gwa no quadro a seguir.



Nsoroma (filha do Céu, Estrela)

"Obu Nyankon soroma te Nyame na onte neho so." Filha do Ser Supremo, não dependo de mim. Minha iluminação é apenas um reflexo da d'Ele.



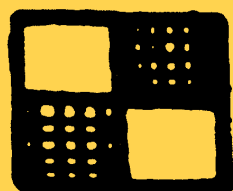
Nkonsonkonso

Símbolo das relações humanas em sociedade. "Somos ligados na vida e na morte", ou "aqueles que têm laços de sangue nunca se apartam".



Akoko nan tiaba na enkim ba

A galinha que pisa no seu pinto não o mata. Ver o emblema no bastão do lingüista no respectivo quadro.



Kontire ne Akwam (anciãos do Estado).

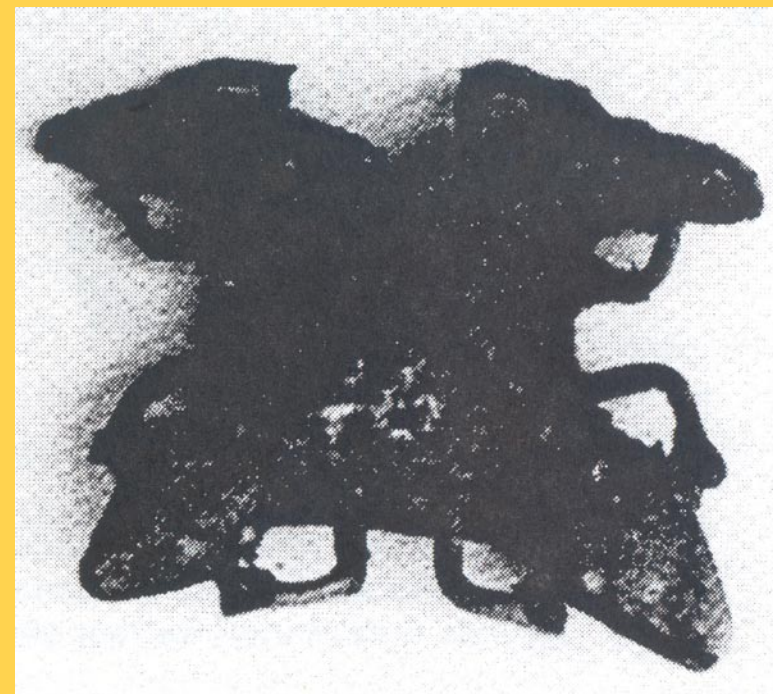
"Tikoro nnko agyina." Uma cabeça só não constitui um conselho. Duas cabeças pensam melhor que uma sozinha. Ver o emblema no bastão do lingüista, no respectivo quadro.

DJA YOBWE E ADINKRA

Os djayobwe, ou "pesos de ouro" dos acã são peças esculpidas em ferro ou em bronze utilizadas como contrapeso na balança para pesar sal, ouro e outras mercadorias. Assim como no caso do gwa e do bastão do lingüista do rei, esses objetos esculpidos trazem as formas e as mensagens dos adinkra. Muitas vezes, a simbologia é relacionada a provérbios representados por animais. No exemplo abaixo, dois crocodilos dividem um estômago e logo aprendem que ao brigar entre si, ficam ambos com fome. É o símbolo da necessidade de unidade, sobretudo quando os destinos se confundem. (Foto do djayobwe reproduzido do catálogo *Coleção Arte Africana do Museu Nacional de Belas Artes* (1983: 28).

De acordo com a história oral, o conjunto dos adinkra tem origem numa guerra que o rei dos asante, Asantehene Osei Bonsu moveu contra o rei Kofi Adinkra de Gyaa-man, hoje uma região da Costa do Marfim. Adinkra teve a audácia de copiar o banco real do Asantehene. Assim provocou a ira do poderoso soberano, que foi à luta para estabelecer sua supremacia. Vencida a guerra, os asante dominaram a arte dos adinkra, passando a ampliar o espaço geográfico onde impunha a sua presença. Antes disso, o conjunto adinkra era patrimônio dos mallam e dos denkyira, povos da África ocidental que desenvolveram a técnica no passado remoto.

O banco real e o bastão do lingüista representam a complexidade e sofisticação dos Estados políticos africanos, em pleno desenvolvimento durante séculos antes da invasão européia. Esses Estados chegaram a constituir impérios com extensão territorial maior que o romano, caso do Império de Mali nos séculos XIII e XIV.



O duplo crocodilo em djayobwe.



O duplo crocodilo em adinkra.

GWA (O BANCO DO REI)

Além de investir-se simbolicamente do poder político e representar a soberania do Estado, o gwa comunica conteúdos epistemológicos, apresentando o ideograma em três dimensões. Cada chefe tradicional tem o seu gwa, portanto existem tantos símbolos em bancos reais quanto existem reis. O mais famoso dos bancos reais é o Sika Gwa Kofi, o banco fundido em ouro do Asantehene (rei dos asante). Segundo a tradição oral o sacerdote principal do então Asantehene Osei Tutu se chamava Okomfo Anokye. Ele invocou o poder do gwa e o banco de ouro materializou e desceu do céu. Os ingleses furtaram esse gwa no início do século XIX, incidente que motivou as Guerras de Asante contra os ingleses. Os conflitos perduraram por um século; os asante ganharam todas as guerras, menos a última.



Sankofa Gwa

Tem o mesmo significado que o respectivo ideograma: nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás. O pássaro com a cabeça voltada para trás é o símbolo desse provérbio. O desenho do ideograma seria uma estilização desse pássaro. O pássaro se apresenta também no bastão do lingüista.



Owo Faforo Adobe Gwa

A cobra sobe a palmeira. Tentando o inusitado ou o impossível. Ver o ideograma no quadro dos adinkra.



Owuo atwedie baako 'fo (obiara bewu)

Todos nós subiremos a escada da morte. Ver o respectivo ideograma no quadro dos adinkra.



Kotoko Gwa (Banco do Porco-espinho).

Emblema do Estado Asante, o porco-espinho simboliza o poder da nação de atacar de qualquer lado, a qualquer hora. O banco é exclusivo do Asantehene.



Adinkra Gwa

Banco do rei Adinkra, soberano de Gyaa-man, de quem os asante conquistaram o conjunto de ideogramas.



Ede Nka Anum Gwa

A doçura não fica permanentemente na boca. Há tempos bons e tempos ruins.

O antílope montado no elefante, símbolo do Estado Ga, significa que se chega ao topo por meio da sabedoria e do bom senso e não pelo peso, pela força ou pela vantagem do tamanho grande. O emblema representa a sabedoria da nação. Ver o bastão do lingüista no quadro a seguir.



Ahema Gwa.

Banco da Rainha Mãe dos Asante. A semelhança de seu desenho com o banco do Estado ao lado simboliza o alto posto da Rainha Mãe na hierarquia do poder político.

BASTÃO DO LINGÜISTA

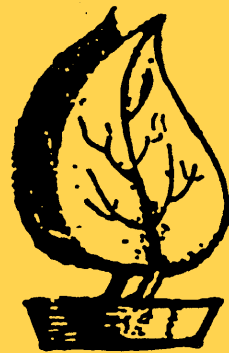
O bastão do lingüista do rei transmite significado por meio de imagens esculpidas em madeira no seu extremo superior. Sendo o lingüista do rei o principal articulador e intermediário entre o povo e o poder real, o significado do elemento simbólico de seu bastão adquire uma importante dimensão social e política.

Na tradição acã, cada soberano tem o seu lingüista: uma espécie de porta-voz, embaixador, ouvidor geral e relações públicas. A fama e o sucesso de um rei dependem, em grande parte, da eloqüência e do bom desempenho do seu lingüista. Este constitui o elo entre o rei e seu povo; o bastão simboliza a sua autoridade e o poder político que representa. A peça esculpida no topo do bastão, com conteúdo simbólico proverbial, simboliza o estado que o lingüista representa.



Sankofa

Sempre podemos retomar e apanhar aquilo que ficou para trás. Sempre podemos retificar nossos erros. O pássaro com a cabeça voltada para trás lembra o gwa, sendo a imagem grafada uma estilização dessa imagem (ver o quadro dos adinkra).



Tikoro nnko agyina (duas folhas)

Uma cabeça só não constitui um conselho. Duas ou três cabeças pensam melhor que uma. Outra versão representa o mesmo conceito no bastão com a escultura de três cabeças. Ver o respectivo ideograma no quadro dos adinkra.



Wuo nane egbee ebi (Ga)

A galinha não machuca o pinto ao pisá-lo, mas ao contrário o protege do perigo. Ver o quadro dos gwa e o respectivo ideograma no quadro dos adinkra.



Gye Nyame

Aceite Deus. Deus é onipotente e imortal. O ideograma adinkra correspondente a este conceito pode ser uma estilização dessa mão com o polegar na posição vertical (ver no quadro dos adinkra).



Wuso owo ti mua a nea aka no ye ahoma

O homem segura a cobra pela cabeça. Quando agarramos a cobra pela cabeça, o restante dela não passa de uma corda grossa. Melhor encarar os problemas de frente.



Antílope sobre o elefante: "Man ko ta man ko no" (emblema do Estado Ga)

Para alcançarmos o sucesso não devemos usar a força ou a vantagem do peso e do tamanho maior, mas antes atuarmos com sabedoria e bom senso. Ver o respectivo gwa.



A mão segura o ovo

O poder é como um ovo: quando o seguramos com muita força ele pode quebrar, mas quando não o seguramos bem ele pode cair e quebrar. O soberano precisa ser firme, porém ao mesmo tempo justo e compreensivo.

ÍNDICE REMISSIVO DE IMAGENS

FOTOGRAFIAS © CHESTER HIGGINS
WWW.CHESTERHIGGINS.COM



pág. 12



pág. 14



pág. 15



pág. 16



pág. 18



pág. 19



pág. 20



pág. 21



pág. 22



pág. 23



pág. 24



pág. 25



pág. 26



pág. 27



pág. 29



pág. 29



pág. 36



pág. 30



pág. 31



pág. 32



pág. 33



pág. 37



pág. 33



pág. 35



pág. 41



pág. 41

FONTES DE PESQUISA

ARNOLD, Dorothea. *The Royal Woman of Amarna*. Nova York: The Metropolitan Museum of Art/ Harry N. Abrams, 1997.

ASANTE, Molefi Kete. *Kemet, Afrocentricity and Knowledge*. Trenton: Africa World Press, 1990.

ASANTE, Molefi Kete. *The Egyptian Philosophers: Ancient African Voices from Imhotep to Akhenaten*. African American Images, 2000.

ASANTE, Molefi K.; ABARRY, Abu S. (Orgs.). *African Intellectual Heritage: a Book of Sources*. Philadelphia: Temple University Press, 1996.

BASSA VAH ASSOCIATION, <http://www.ie-inc.com/vkarmo/bcont.htm>; Omniglot - Writing systems & Languages of the World; <http://www.omniglot.com/writing/bassa.htm>

BEKERIE, Ayele, Ph.D., Universidade Cornell. http://www.library.cornell.edu/africana/Writing_Systems/Mende.html

BEKERIE, Ayele, Ph.D., Universidade Cornell. http://www.library.cornell.edu/africana/Writing_Systems/Nsibidi.html

CLARKE, John Henrik. *Some Neglected Aspects of Yoruba Culture in the Americas and in the Caribbean Islands*. Trabalho apresentado na Conferência sobre a Civilização Ioruba, Ilé Ifé, 1976.

DIOP, Cheikh Anta. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*, trans. Mercer Cook. New York/ Westport: Lawrence Hill, 1974.

GRIAULE, Marcel; DIETERLEN, Germaine. *Le mythe cosmogonique*. Paris: Institut d'ethnologie, 1991.

MOKHTAR, G. (Org.). *Ancient Civilizations of Africa*. Unesco General History of Africa, v. II. Heinemann/ Unesco, 1981.

MOKHTAR, G. Introdução. In: Mokhtar, G. (Org.). *Ancient Civilizations of Africa*, Unesco General History of Africa, v. II. Paris/ Londres: Unesco/ Heinemann, 1981, p. 1-23.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

OLIVEIRA, Ana Maria de (Org.). *Angola e a Expressão de sua cultura Material*. Luanda / Rio de Janeiro: Banco Nacional de Angola/ Odebrecht, 1994.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Coleção Sankofa. Matrizes Africanas da Cultura Brasileira*. 4 volumes. São Paulo: Selo Negro, 2008- 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. Coleção Sankofa, Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, v. 1. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Cultura em movimento. As matrizes africanas e o ativismo negro no Brasil*. Coleção Sankofa, Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, v. 2. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Guerreiras de natureza. Mulher negra, religiosidade e ambiente no Brasil*. Coleção Sankofa, Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, v. 3. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora*. Coleção Sankofa, Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, v. 4. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Orgs.). *Adinkra. Sabedoria em símbolos africanos / African Wisdom Symbols / Sagesse en symboles africaines / Sabiduría en símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SANCHEZ, Sonia. Nefertiti: Queen to a Sacred Mission. In Sertima, Ivan Van (org.), *Black Women in Antiquity*: 49-55. New Brunswick e Londres: Transaction Books, 1985.

VAN SERTIMA, Ivan. *They came before Columbus. African presence in ancient America*. New York: Random House, 1976.

VAN SERTIMA, Ivan (Org.). *African presence in early Europe*. New Brunswick: Transaction, 1985.

VAN SERTIMA, Ivan (Org.). *Black women in antiquity*. New Brunswick: Transaction, 1984.

VAN SERTIMA, Ivan (Org.). *Blacks in science, ancient and modern*. New Brunswick: Transaction, 1985.

VAN SERTIMA, Ivan; RASHIDI, Runoko (Orgs.). *African presence in early Asia*. New Brunswick e Oxford: Transaction, 1985.

WILDDUNG, Dietrich (Org.). *Sudan: Ancient Kingdoms of the Nile*. Paris/ Nova York: Flammarion, 1997.

